

Alunos do Estadual São José mudam hábitos alimentares e mostram resultados

Ano 17 - Nº 89 - 2014 - CIRCULAÇÃO DIRIGIDA - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

15 de Outubro, dia do professor!

A appai parabeniza
aqueles que impulsionam
o indivíduo a criar novas
formas de conhecimento.



Público ou privado?

Em nova temporada em Nova Iorque acompanho o dilema dos pais de Mila, minha neta que nesse mês de agosto faz um ano... Desde já, o futuro educacional da menina é a prioridade número 1. No momento, Mila vai duas vezes por semana, por duas horas, a uma escolinha particular em frente a sua casa. De olho na Universidade, os pais abriram uma conta em um fundo que oferece benefícios fiscais ligados ao uso do investimento no pagamento do caríssimo ensino superior. Presentes de Natal e aniversário para a menina nos próximos 18 anos? Os pais sugerem depósito na conta.

O dilema mais imediato é se Mila vai para a escola pública ou privada quando tiver quatro anos. A privada custa quase tanto quanto a universidade. A escola pública é uma aposta no escuro. Na cidade de Nova Iorque a criança frequenta uma das escolas do distrito em que mora. Para ser aceita nas quatro ou cinco escolas tidas como de excelência, fora do distrito, ela precisa ser superdotada e enfrentar quase um vestibular. Nas escolas privadas tidas como as melhores, além da capacidade financeira, o QI (quem indica) também conta.

A classe média está cada vez mais apertada entre os pobres – a maioria dos mais de um milhão de alunos nas escolas públicas – e os trilhadrários de Manhattan. Os últimos 12 anos do prefeito Michael Bloomberg foram dedicados a reformar o sistema educacional público. Houve avanços e retrocessos,

mas surgiu uma opção que tem atendido a parte da clientela assustada: as chamadas *charters schools*, que são gerenciadas por instituições privadas com recursos públicos e privados.

Alvo de disputa com o novo prefeito da cidade, De Blasio, essas escolas (apenas 10% do total) são acusadas de discriminar os alunos mais pobres e academicamente frágeis, aceitando apenas os alunos mais bem-sucedidos nas escolas de origem. Garantem assim, dizem os opositores do sistema, um melhor resultado acadêmico quando comparadas à escola pública tradicional.

Esse debate conceitual, sem prazo para terminar, intranquiliza as famílias que temem ver as *charters schools* desaparecerem de uma hora para outra, deixando os filhos sem opção a não ser a escola tradicional. Isso porque, nas melhores escolas privadas, ou a criança começa desde os quatro anos ou dificilmente conseguirá vaga. Quem entra, não sai.

Os desafios da escola pública em Nova Iorque são imensos. Junte todos os que conhecemos no nosso sistema no Rio de Janeiro e acrescente os seguintes: 17% dos alunos nasceram em 197 diferentes países e chegam à escola sem sequer falar inglês. Do total de alunos, em termos raciais e étnicos, hispânicos são o maior grupo (mais de 40%), seguidos de negros (28%), asiáticos (16%) e brancos (15%).

Apesar de o investimento em educação em Nova Iorque ter cres-

cido muito no governo Bloomberg (20 bilhões de dólares por ano), o último relatório oficial mostra que as escolas estão mais lotadas, a ajuda estadual e federal mais reduzida e o número de alunos em moradias temporárias – abrigos e casas de parentes – chegou a 77 mil em 2012. Quase 450 mil alunos estudam em prédios superlotados – mais de 102% de sua capacidade (Note que turmas com mais de 30 alunos são proibidas). É esse o cenário colocado à disposição de uma família como a da minha filha. A opção ao sistema privado significará gastos anuais de 40 mil dólares (cerca de 80 mil reais).

Nova Iorque é a porta de entrada deste caldeirão cultural, o que a torna tão fascinante e especial. Conviver com essa diversidade racial, cultural e étnica deveria ser visto como um ganho para a formação das crianças. Mas infelizmente a política pública educacional ainda não conseguiu garantir benefícios para todos.

Andrea Gouvêa Vieira

Jornalista, ex-vereadora do Rio de Janeiro



Conselho Editorial
Julio Cesar da Costa
Ednaldo Carvalho Silva

Jornalismo
Antônia Lucia Figueiredo
(M.T. RJ 22685JP)

Colaboração
Sandra Martins, Cláudia Sanches, Jéssica Almeida e Tony Carvalho

Fotografia
Marcelo Ávila e Tony Carvalho

Designers
Luiz Cláudio de Oliveira
Marcel Schocair Costa

Revisão
Sandro Gomes

Periodicidade e tiragem
Bimestral – 69.000 (sessenta e nove mil)

Impressão e distribuição
Gráfica Ediouro – Correlos

Professores, enviem seus projetos para a redação da Revista Appai Educar:

End.: Rua Senador Dantas, 117/229
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.
CEP: 20031-911

E-mail: jornaleducar@appai.org.br
redacao@appai.org.br

Endereço Eletrônico:

www.appai.org.br

Tel.: (21) 3983-3200



Agenda do Professor

Benefício Educação Continuada

Inscrições: <http://www.appai.org.br/temas-educacao-continuada.aspx>

Setembro

VII Congresso Carioca - III Encontro de Pais com Especialistas - I Fórum Interdisciplinar Sobre Inclusão Escolar

Tema: Neurociência do Desenvolvimento: das Intervenções à Psicofarmacologia

Data: 12/09/2014

Horário: 8h às 17h - sexta e sábado

Objetivo: aprimoramento e desenvolvimento dos profissionais de Educação.

Local do Evento: Centro de Convenções do Colégio Brasileiro de Cirurgiões - Rua Visconde Silva, 52 – Botafogo, RJ

TDAH - Déficit de Atenção/Hiperatividade na Escola

Data: 13/09/2014

Horário: 8h30 às 12h30 – sábado

Objetivo: Propiciar aos profissionais de educação lidar com o TDAH, na sala de aula e em todos os ambientes escolares.

O Tangram nas Aulas de Matemática

Data: 17/09/2014

Horário: 8h30 às 12h30 – quarta-feira

Objetivo: explorar diferentes formas de utilizar o tangram tradicional e suas variações, como o tangram circular, o tangram coração partido como recurso auxiliar para o ensino de conteúdos matemáticos do ensino fundamental.

Práticas para a Educação Infantil

Data: 26/09/2014

Horário: 8h30 às 12h30 – sexta-feira

Objetivo: aprimoramento e desenvolvimento dos profissionais de Educação.

Plasticidade Neural: Desenvolvimento e Aprendizado

Data: 27/09/2014

Horário: 8h30 às 12h30 – sábado

Objetivo: proporcionar uma visão da importância da plasticidade neural no desenvolvimento sensorial e motor e no aprendizado escolar durante a infância e adolescência.

Outubro

A Leitura Literária na Escola como Produção de Conhecimento

Data: 02/10/2014

Horário: 13h às 17h – quinta-feira

Objetivo: propiciar uma prática dialógica e artística do texto literário nas séries iniciais do Ensino Fundamental (primeiro ao quinto ano), tendo por base os estudos de Mikhail Bakhtin e Vygotsky, autores que permitem compreender a natureza da linguagem literária e sua relação com a produção do conhecimento.

Educação Financeira: Conceitos e Estratégias para Manter a Saúde das Finanças

Data: 04/10/2014

Horário: 8h30 às 12h30 – sábado

Objetivo: oferecer instrumentos concretos para que os participantes possam reavaliar sua relação com o dinheiro e encontrar, por méritos próprios, os caminhos para sua independência financeira.

II Simpósio ComportamentoInfantil.com - Inclusão, Interdisciplinaridade e Psicoeducação para a Saúde Mental nas Escolas

Data: 25/10/2014

Horário: 7h – Credenciamento – 8h às 17h – Simpósio

Objetivo: Simpósio promovido pelo ComportamentoInfantil.com, apoiado pela Appai, objetivando o aprimoramento e desenvolvimento dos profissionais de Educação.

Palestrante: Equipe ComportamentoInfantil.com

Local do Evento: Colégio CEC (Centro de Educação e Cultura). Av. Ayrton Senna, nº 2.541, Barra da Tijuca, RJ



Educação Continuada
ciclo de formação permanente

Biblioteca Parque Estadual

A Biblioteca Parque Estadual (BPE) é uma instituição cultural fundada em 1873 por Dom Pedro II, em um edifício de 15 mil metros quadrados no centro do Rio de Janeiro. Reinaugurada em 2014, passa a ser a matriz da rede de Bibliotecas Parque que o Governo está implantando no estado, da qual já fazem parte a Biblioteca Parque de Manguinhos, a Biblioteca Pública de Niterói e a Biblioteca Parque da Rocinha. A reformulação da biblioteca não foi apenas arquitetônica, incluiu a modernização do acervo e a ampliação dos serviços.

A renovação da instituição segue projeto de Glauco Campelo, o mesmo arquiteto que desenhou nos anos 1980 o prédio que a biblioteca ocupou até agora. Já a ambientação arquitetônica e o mobiliário ficaram a cargo de Bel Lobo. O novo prédio exibe em seu pátio uma escultura de Waltercio Caldas, criada especialmente para a Biblioteca Parque Estadual.

Muito mais do que uma simples biblioteca, ela oferece 3 milhões de músicas, 20 mil filmes, 200 computadores, além de mais de 200 mil livros e documentos. Conta ainda com um teatro com 240 lugares, auditório, salas onde são



oferecidas diversas oficinas, estúdio de som, cafeteria, restaurante, jardim suspenso e bicicletário.

A nova BPE pretende ser um polo de atividades culturais, informação e lazer acessível a todos, sem restrição de idade, região de domicílio ou nível de formação. Seus equipamentos e acervo são acessíveis, contando com uma equipe especializada para atender pessoas com deficiências motoras ou cognitivas. Além disso, ela é a primeira biblioteca verde da América Latina, adotando iniciativas sustentáveis, como o reaproveitamento de água e energia.

Colaboração: Jéssica Almeida

Biblioteca Parque Estadual (BPE)
Av. Presidente Vargas, 1.261 – Centro – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20071-004
Tel.: (21) 2332-1309
E-mail: faleconosco@bibliotecapublica.rj.gov.br
Horário de funcionamento: de terça a domingo, das 10 às 20h
Entrada franca



A biblioteca oferece acesso a internet, sala de leitura com mais de 200 mil livros e documentos, e conta ainda com uma seção de atualidades





ESPORTE como instrumento de transformação social

Claudia Sanches



O projeto *Atletas Inteligentes*, idealizado pela ex-jogadora de vôlei Jacqueline Silva, inaugurou uma nova edição. Dessa vez em parceria com a Seeduc – Secretaria Estadual de Educação – e empresários locais. O trabalho, que acontece nas praias do Rio, já beneficiou mais de 50 comunidades carentes do Rio de Janeiro através do Instituto Jackie Silva e está sendo levado para uma escola piloto, escolhida para receber o programa, o Ciep 340 Professora Laís Martins, em Duque de Caxias. A proposta é a iniciação esportiva de jovens a partir de 12 anos das redes estadual e municipal de ensino.

Segundo Jackie, medalhista olímpica em 1996, o esporte funciona como um fenômeno de inclusão social. Durante a cerimônia de abertura, ela lembrou que o diferencial do projeto é unir o esporte à educação. “Esperamos que a iniciativa possa alimentar a escola não só para a prática esportiva e a competição, mas para a imaginação, levando os alunos ao colégio para estudar com prazer, com a consciência de que tudo começa ali, na educação. Se olharmos para o entorno do local, a comunidade, muito carente, só tem a escola. Então ela tem que ser bacana, legal, fonte de prazer”, afirmou a atleta, que vai ao Ciep aproximadamente 3 vezes na semana.




O projeto, idealizado pela ex-jogadora de vôlei Jackie Silva, já beneficiou mais de 50 comunidades carentes do Rio de Janeiro e está sendo levado para o Ciep

De acordo com Fernando Marques, coordenador do programa, responsável pela parte gerencial, o trabalho está levando uma proposta de complementar a educação. Desde que Jackie e seus colaboradores chegaram à Seeduc, o colégio vem contando com o incentivo financeiro dos parceiros empresariais. "Procuramos as indústrias da região, que patrocinaram a reforma da quadra poliesportiva, vestiários, entre outras locações". Fernando lembra que essas empresas estão investindo na formação de seus futuros funcionários, já que elas se situam no entorno da comunidade. A diretora executiva da Mazan, Adriana Pinto, e Sandro Monteiro, coordenador de Responsabilidade Social, falaram sobre a importância dessa parceria: "A diferença desse programa é que ele usa o esporte como estímulo à aprendizagem, já que traz a capacidade de oferecer incentivo para que esses estudantes tenham seus projetos de

vida". A empresa, que já tem tradição na capacitação profissional para o mercado de trabalho, já trabalhou com mais de 1.000 jovens para exercer várias funções, e agora elabora um programa para atletas paraolímpicos. Para Camillo de Luca, Diretor da Frescatto, o envolvimento de todos revela como as pessoas ainda acreditam na formação através da educação e do esporte: "Estamos cumprindo nosso papel de promover o resgate do que é saudável", afirma Camillo.

Fernando lembra que, no início, a sugestão inicial dos patrocinadores era fazer algo em locais públicos como praças, por exemplo, mas Jackie os convenceu a ir até o Ciep: "As empresas queriam fazer o trabalho em locais públicos, mas eu puxei para meu objetivo específico, que é educar. Falei que a educação era a transformação. Convenci de que a escola tem que ganhar esse potencial. O objetivo é realizar intercâmbios, promover campeonatos com colégios da região, com institui-



A proposta do projeto *Atletas Inteligentes* é a iniciação esportiva de jovens a partir de 12 anos das redes estadual e municipal de ensino

ções particulares e de outras regionais, e não tirar a criança das salas de aula. Existem técnicos de seleções infantojuvenis que ficam 6 meses fora com os jovens atletas. Ele não percebe que aquilo vai ser ruim para o próprio esporte. Eles não podem sair da sala de aula antes de ser formar”, insiste Jackie.

O Assessor da Subsecretaria de Ensino e Projetos do Estado do Rio de Janeiro, Fernando Correia, que representou a Seeduc durante o evento, explica que o programa complementa as Diretrizes Bases da Educação. A proposta do programa é de se estender a outros Cieps no Estado do Rio. “Jackie absorveu nossa proposta pedagógica, mostrou para o aluno que ele tem que ter responsabilidade. Para continuar no seu processo formativo, só tem a ganhar se for bem nos estudos. Essa oportunidade veio para somar. O estudante da escola pública quando se sente acolhido não falta, não vê a escola como um lugar de prisão. Ao contrário, vem com esperança e aprende. É através da educação que ele vai conseguir realizar seus sonhos. Eu acredito na escola pública”.

Fernando Correia conta que Jaqueline assimilou bem o funcionamento da rede e as Diretrizes dos Parâmetros Curriculares: “Ela fez tudo dentro das diretrizes, usou o Saerjinho como fonte de estímulo para o estudo, o rendimento, observou nossa proposta pedagógica e mostrou ao aluno que ele tem que ter compromisso. A experiência revela que educação e esporte podem contribuir para a transformação da postura do estudante. “O professor de Educação Física promove uma roda em que trabalha a parte de atenção e fala

de situações que são pertinentes a eles”. Para se inscrever é necessário manter um rendimento mínimo e participar das atividades, que são desenvolvidas no contraturno.

A diretora adjunta do Ciep, Maria da Conceição de Souza, conta que, desde que o projeto vem sendo implantado, há um ano, os professores observam a mudança de comportamento dos jovens. A professora de Matemática Ana Cristina percebeu que a postura deles se modificou em termos de concentração e sociabilidade, revelando um crescimento significativo. Em qualquer atividade eles são os primeiros a se oferecer para colaborar, e têm demonstrado cuidado com a limpeza e com o que é público. A aluna Camila, de 13 anos, relata que o trabalho melhorou a concentração e a sua energia. Já Marcos Diego, da mesma idade, diz que o vôlei o deixou com mais disposição para os estudos: “Graças à escola, pois eu nunca teria essa oportunidade se não fosse o projeto”.



Jackie Silva – uma educadora por natureza

“Nunca tive dificuldade para ensinar, faço isso desde que sou atleta. Quando comecei no vôlei de praia ninguém sonhava em seguir essa modalidade, mas sempre gostei de orientar, fiz isso a vida toda”. Jaqueline Louise Cruz Silva começou sua carreira no vôlei de praia quando a modalidade surgiu nos Estados Unidos e começou a virar febre. A atleta sempre foi conhecida não só pelo seu talento nas areias, como pela sua luta pelas causas da mulher no esporte e também nas áreas sociais. Agora ela representa o país fora das quadras e da areia, pois foi eleita embaixadora da Unesco pelo esporte. Sua experiência na Europa e nos Estados Unidos, onde o ensino e a prática esportiva caminham de mãos dadas, despertou o desejo de encarar o desafio, que é mudar a mentalidade do esporte no Brasil, usando a atividade física como suporte à educação.

Jackie falou sobre a curta vida profissional do atleta e sobre a questão do que fazer depois que a carreira nas quadras acaba. “Eu nunca tive esse problema de saber o que iria fazer quando parasse de jogar. Já tinha meus projetos. O atleta tem uma carreira muito breve e eu tinha na cabeça há muito tempo o que iria fazer quando saísse das areias”, conta.

Torcida pela educação

Jackie conta que, quando chegou ao Ciep, o espaço físico e os recursos humanos já estavam organizados. O tempo todo havia a oportunidade de vivenciar esse dia a dia dos jovens e observar o que estava acontecendo, já que o projeto nos oferecia essa possibilidade. Para ela a educação é a transformação. E a atividade transpassa os muros da escola e chega lá na empresa em que os pais trabalham. Eles não devem sair da escola até se formar. O foco não é buscar somente desempenho técnico, mas disciplina e esforço em equipe. “Torcemos e trabalhamos para que a educação forme campeões na vida. “O projeto veio para melhorar a qualidade de ensino. O problema da educação não é só do governo, é de todos nós, e o mais importante é o nosso compromisso. Aqui é onde começa a vida, por isso precisamos fazer a escola dar certo. Volto feliz para casa porque estou fazendo esse trabalho, valorizando a educação”, conclui a ex-atleta e embaixadora da Unesco.

Desde que o projeto vem sendo implantado, os professores têm observado uma mudança de comportamento nos jovens, como a melhoria de concentração e socialização

Ciep 340 Professora Laís Martins
Estrada Velha do Pilar s/nº – Figueira – Du-
que de Caxias/RJ
CEP: 25230-610
Tels: (21) 2876-1562 / 2650-5873
E-mail: ciep340@yahoo.com.br
Direção: Palmira de Jesus Joaquim
Fotos: Marcelo Ávila



Prevenção na escola

Campanha contra o HPV
auxilia na conscientização
de adolescentes

A campanha, que teve início em março desse ano, tem como objetivo vacinar gratuitamente meninas de 11 a 13 anos contra o HPV (Papilomavírus Humano), responsável por 95% dos casos de câncer de colo de útero, segundo mais comum entre a população feminina, atrás apenas do câncer de mama.

Segundo especialistas, o HPV é sexualmente transmissível e está relacionado à ocorrência desse tipo de câncer, caracterizado pelo crescimento anormal de células no útero, tendo como principal causa a infecção por alguns tipos desse vírus. Trata-se de uma doença ainda muito frequente no Brasil.

Além do contágio durante a relação sexual, o vírus pode ser transmitido também da mãe para o filho no momento do parto. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), aproximadamente 291 milhões de mulheres no mundo são portadoras do HPV. No Brasil, cerca de 685 mil pessoas são infectadas por algum tipo do vírus a cada ano.

Os sintomas da doença normalmente se iniciam com verrugas de tamanhos variados, que surgem na região dos órgãos sexuais. As lesões causadas pelo HPV também podem aparecer na boca e na garganta. No entanto, a pessoa pode estar infectada sem apresentar sintomas.

O vírus do HPV pode ser eliminado espontaneamente, sem que se saiba estar infectado. Uma vez realizado o diagnóstico, o tratamento pode ser através de medicamentos ou de cirurgia. Para prevenir a contaminação, o ideal é manter acompanhamento regular com o médico, realizar exames preventivos e usar preservativos durante a relação sexual.

A expectativa da campanha, oferecida pelo Ministério da Saúde, é de que com a imunização contra o HPV a incidência de câncer de colo de útero no estado do Rio de Janeiro comece a declinar em alguns anos. Para isso, é necessário que as mulheres que se enquadram na faixa etária recebam três doses da vacina.

A primeira delas foi oferecida em postos de saúde e escolas das redes pública ou privada. A segunda dose ocorre seis meses depois da primeira e a terceira, cinco anos depois.

Em 2015, o público-alvo serão as meninas de 9 a 11 anos e, a partir de 2016, a ação ficará restrita às de 9 anos. Até 2016, o objetivo do ministério é imunizar 80% do total de 5,2 milhões de meninas de 9 a 13 anos no país. A vacina tem eficácia de 98,8% contra o câncer de colo do útero.

ESCOLA QUE PARTICIPOU DA CAMPANHA

A campanha de vacinação contra o HPV beneficiou muitas adolescentes. No C. E. Maurício de Abreu, localizado em Sapucaia, município do Rio de Janeiro, a imunização teve resultados muito eficientes. "Alcançamos um índice de quase 100% de nossas alunas vacinadas", conta a Orientadora Educacional Sueli Ragazzi.

A professora de Ciências Daisy Ramos Costa explica que a campanha é acima de tudo prevenção, "além de manter as pessoas informadas. A conscientização dessas alunas diminui o risco dessa e de outras doenças, porque elas se tornam mais atentas e passam a orientar colegas e familiares", completa.

O colégio aproveitou para debater o assunto em sala de aula. "Através de uma conversa informal, visamos orientar os jovens", conta Daisy. Outra professora de Ciências, Aline da Silva, abordou também a descoberta da vacina, a fabricação e sua importância. "Discutir a questão leva à construção do conhecimento, de forma que os alunos, de uma maneira geral, repensam sua prática. O professor fornece meios para que eles mudem de postura para se manterem mais conscientes", explica a docente.

Além de abordar o tema em sala de aula com as estudantes, os responsáveis também foram informados, em uma reunião de pais, sobre a importância da vacinação. A aluna Raihany Ribeiro Diniz, da turma 702, conta que, depois que ficou sabendo da campanha de vacinação através do colégio e da televisão, teve o apoio da mãe para participar.

A aluna Julya S. e Silva, da turma 602, conta que soube da campanha contra o HPV através da Orientadora Educacional da escola. "Ela veio até a minha sala e explicou tudo, inclusive o motivo da vacina. Com isso, entendi que era muito importante participar, pois esse tipo de vacina em outros lugares custa no mínimo R\$ 400,00 e através dela podemos nos prevenir contra essa doença", afirma. A estudante conta que, depois que tomou a vacina, fez questão de incentivar as amigas a ir também, "pois desejo o melhor para elas", explica.

Colaboração: Jéssica Almeida

C. E. Maurício de Abreu
Praça Governador Miguel Couto Filho, 298 –
Centro – Sapucaia/RJ
CEP: 25880-000
Tel.: (24) 2271-1478
E-mail: cemasapucaia@yahoo.com.br
Orientadora Educacional: Sueli Ragazzi



Inglês no cotidiano

Escola desenvolve
atividades para
inserir o idioma na
vida dos alunos

A ideia é levar os alunos, através do 'momento cultural', a entender o Inglês como forma de expressão

Você sabia que o inglês é a segunda língua mais falada no mundo? Segundo dados da Nova Escola, perde apenas para o mandarim, que ocupa essa posição devido à grande população que existe na China. Com intuito de tornar a língua inglesa presente no cotidiano dos alunos, a Escola Municipal Renato Leite, localizada na Taquara, desenvolve diversas atividades voltadas para o idioma.

As turmas do Peja II (Programa de Educação de Jovens e Adultos), que corresponde aos anos finais do Ensino Fundamental, orientadas pela professora de inglês Cyntia Freitas, trabalharam com a música "If I could change the world", de Eric Clapton. Após conhecerem a canção, os estudantes exploraram a estrutura gramatical, que pode contribuir também para ampliação do vocabulário.

A "mudança do mundo" proposta pela canção foi usada para que os alunos pudessem refletir sobre a vida dentro e fora da escola. Eles debateram sobre os principais problemas enfrentados no cotidiano e depois, em pequenos grupos, descreveram os que mais os afetavam. Posteriormente, com a ajuda da professora, elaboraram cartazes em inglês sobre os principais temas discutidos. A última etapa foi a criação de um vídeo com os estudantes e os cartazes produzidos por eles.

A professora de Língua Inglesa Ângela Vianna Miranda afirma que a criação de um ambiente para aula de inglês proporciona oportunidades de motivação entre alunos e professores. "Essa ambientação vai desde os recursos mais simples, como um pôster que pode ser confeccionado pelos estudantes com perguntas básicas usadas em sala de aula, como por exemplo: "Open your books!" (Abram seus livros!) ou "May I drink some water, please?" (Posso beber água, por favor?), até os recursos tecnológicos, como som, televisão, datashow, computador", explica a docente.

De acordo com ela, a tecnologia permite que a interatividade seja maior e mais rápida. "E tudo isso, associado à utilização de uma sala preparada para o ensino da Língua Inglesa, será acrescentado às nossas aulas despertando maior interesse dos nossos alunos uma vez que eles estarão inseridos num ambiente totalmente preparado para ajudá-los a 'entrar no clima' da língua", completa a docente.

Shakespeare 450 anos

Em comemoração aos 450 anos de William Shakespeare, considerado o maior escritor de língua inglesa, a professora Ângela desenvolveu um projeto com as turmas do 1º e 2º anos do Ensino Fundamental. Segundo ela, o objetivo foi trabalhar com a oralidade de maneira divertida. "Levar os alunos, através do 'momento cultural', a entender o Inglês como forma de expressão", afirma.

Na culminância do projeto, os alunos fizeram a releitura teatral da obra mais conhecida do autor: "Romeu e Julieta". A professora conta que o roteiro original ganhou uma "novíssima abordagem, encenado em formato inovador: uma literatura de cordel com uma linguagem mais acessível e de fácil compreensão para a criançada", explica Ângela.

A culminância contou também com um teatro de fantoches onde os personagens "Zip & Stella" foram produzidos e caracterizados representando "Romeo & Juliet". Na sequência houve a apresentação de alguns alunos caracterizados para encenar a famosa fala de Shakespeare "To be or not to be, that's the question" (Ser ou não ser, eis a questão).

A aluna do 2º ano Juliana Mendes Lopes Toledo conta que achou o projeto muito interessante e divertido. "O que mais gostei de fazer foi me vestir como os personagens e assistir o teatrinho de fantoches. Além disso, aprendi sobre Shakespeare e sua história", conta.

Além de trabalhar com a Língua Inglesa, a professora explica que também abordou a literatura dentro do contexto, porém de uma forma mais sutil. "Podemos influenciar e provocar mudanças positivas quando nossa abordagem visa a mistura de cultura e aprendizado da língua", finaliza a docente.

Colaboração: Jéssica Almeida

Durante a culminância do projeto, os pequenos fizeram uma releitura teatral de "Romeu e Julieta" e apresentaram um teatro de fantoches



Escola Municipal Renato Leite
Rua Carlos Pallut, 271 – Taquara – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22710-310
Tels.: (21) 3413-5166 / 3413-5016
E-mail: emrleite@rioeduca.net
Diretor: Vitor Hugo Almeida
Fotos cedidas pela escola



De tudo um pouco

Arte, cultura, leitura no 4º Salão da Leitura de Niterói

Sandra Martins

Com um sorriso encantador, a pequena Júlia Fernandes da Luz Ferreira chamava a atenção pelo misto de inquietude inerente a uma menina de 7 anos e a ansiedade de se reencontrar com a autora de um livro infantojuvenil. “Eu encontrei com a escritora Neide Graça. Ela estava na roda de conversa ‘A Ciranda de Alice’ e autografou o meu livro ‘O sumiço da caixinha de Alice’”, disse a menina que, juntamente com a mãe e a tia, visitava o 4º Salão da Leitura de Niterói, ocorrido entre os dias 31 de maio e 8 de junho.

“Eu fiquei sem palavras quando reencontrei a Neide Graça. Eu a conheci na Bienal do Livro há três anos (XV Bienal do Livro, em 2011), quando participei de uma oficina com ela. Foi maravilhoso”, salientou a pequena leitora, que sabia de cor todas as travessuras dos dois irmãos, personagens da coleção.

As sessões de autógrafos, encontros com autores da literatura infantojuvenil e as contações de histórias integraram a extensa programação dos nove dias de evento, gratuito, realizado pela Prefeitura de Niterói, através da Secretaria Municipal de Educação, Ciência e Tecnologia.

O Salão da Leitura foi aberto ao público sob os acordes da Orquestra de Cordas da Grota (resultado de um projeto que tem por princípio básico iniciar crianças e jovens da comunidade da Grota do Surucucu, no bairro de São Francisco). A apresentação foi bastante eclética, do *hard rock* da banda britânica Queen ao erudito de Haendel (Georg Friedrich Haendel, alemão naturalizado cidadão britânico).

O 4º Salão da Leitura foi realizado no Caminho Niemeyer, transformado em território livre da literatura. O Teatro Popular, o Memorial Roberto Silveira e a Casa do Conhecimento foram interligados por meio de tendas climatizadas, com espaços diferenciados e atrações para públicos de todas as idades.

Vários eixos temáticos fizeram parte dos debates, sempre com a participação de autores e especialistas. Os 50 anos do Movimento Militar, as três décadas das Diretas Já!, os 450 anos de William



Apresentação musical de escolas da rede municipal de ensino



Shakespeare, os 100 anos de José Cândido de Carvalho, o futebol e a Copa do Mundo no Brasil foram alguns deles. No campo cultural, homenageou-se o centenário de nascimento de Dorival Caymmi, com *show* musical da cantora Nana Caymmi, filha do compositor baiano.

Público infantojuvenil – Uma novidade agradou os alunos da rede municipal de ensino: a criação de uma moeda social, a Lobato. De um lado, a efígie do escritor na frente da nota de 10 Lobatos (LoB\$ 10) – valor equivalente a 10 Reais (R\$ 10) –, de outro, a imagem da Cuca no verso. A nota tem picotes com valores menores de 1, 2 e 5 Lobatos para facilitar o troco. As professoras da rede distribuíram para seus alunos uma nota de LoB\$ 10 (10 Lobatos) para a troca por livros. Para viabilizar a circulação da moeda durante o evento foi criado um Banco Social.

A garotada teve uma programação bastante intensa nas Trilhas da Leitura onde aconteciam as oficinas de arte, contação de histórias e teatro. As crianças interagiam com os autores de livros infantojuvenis, alguns caracterizados como um de seus personagens. E, também, se encantavam com outras expressões culturais, já que a programação da mostra literária aglutinou o teatro, a música e o cinema como linguagem da literatura.

Uma oficina de mídia fazia a cabeça da criançada. Era a turma do Recontando – Jornalismo na medida das crianças. Simone Ronzani, coordenadora do projeto, apresentava





A garotada desfrutou de uma programação bastante intensa nas Trilhas da Leitura, onde aconteciam as oficinas de arte, contação de histórias e teatro

os bastidores da notícia, da pauta à gravação. “Tivemos crianças que surpreendiam com a facilidade da leitura e a compreensão sobre o conteúdo”, disse a jornalista e pós-graduada em Entretenimento e idealizadora da atividade, que preparava um pequeno grupo de crianças para serem “repórteres” e cobrir algumas pautas do Salão da Leitura. “A proposta é que, juntamente com o apoio da Assessoria de Comunicação da Comissão Organizadora do evento, as crianças publiquem um ‘jornal’ sob a ótica deles”.

Relações Raciais – Pela primeira vez na história do Salão da Leitura a temática racial foi tema de mesas-redondas. Nesta edição, foram duas: uma na área de Educação e outra na de Comunicação. Márcia Pessanha, presidente da Comissão Organizadora do evento, concordou com a fala da professora Iolanda Oliveira – do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira (Penesb) da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF) – de que tratar dessas questões, no Brasil, é problemático, tanto para negros como para brancos. O tema sempre foi tratado de forma tímida no que diz respeito a criação, regulamentação e implementação de políticas

públicas que tratassem das diversidades. Daí o empenho na construção destas duas mesas, que foi ao encontro do interesse despertado pelo público que lotou os dois debates. A segunda mesa-redonda era sobre Mídia e Relações Étnico-raciais, com a jornalista do Jornal O Globo, Flávia Oliveira, o antropólogo Kássio Motta e o doutor em Filosofia e professor universitário Renato Nogueira. A mediação ficou a cargo do antropólogo Rolf Ribeiro de Souza.

A partir do eixo Educação, Literatura e Negritude, Iolanda de Oliveira discorreu sobre o contexto atual da formação de profissionais para a educação nas relações raciais e citou que, quando as camadas populares chegaram ao período da democratização da escola, esta não teve – e parece ainda não ter – competência para acolher o saber que elas trazem. Uma estratégia para mudança deste quadro é o investimento na preparação

contínua em relações étnico-raciais do profissional de educação com apoio institucional, considerando que o professor não tem formação para as diversidades. Também nesta mesa o escritor Júlio Emílio Braz abordou Literatura e Relações Étnico-raciais. A mediação foi feita por Márcia Pessanha.

Pela primeira vez na história do Salão da Leitura a temática racial foi tema de mesas-redondas



A Cia. de Teatro Livro Aberto, a convite da Editora Rovelte, apresentou o espetáculo "Histórias Cantadas", no Teatro Popular Oscar Niemeyer

O escritor afirma que para evitar a perpetuação de estereótipos é importante que a literatura enfoque temas ligados às questões sociais, como discriminação racial, gravidez, tráfico de drogas, aids. "Expõe-se o assunto sem entrar no mérito para que a situação possa ser abordada sob vários ângulos. O debate com as crianças é até mais fácil. É só fazer com que elas olhem para uma realidade que já conhecem. Além disso, todos os assuntos que abordo permeiam nossa sociedade. O que quero é incentivar a leitura. Como escritor, invisto em cativar a criança, estimulá-la a ler desde cedo: só isso vai fazer com que ela adquira senso crítico e assuma cidadania". Em tom jocoso, Júlio citou que costuma brincar com os alunos, dizendo que até para ser bandido é preciso leitura, conhecimento. "Se não, vai ficar sendo ladrão pé de chinelo a vida inteira", ri. "Eles precisam acreditar que a leitura é transformadora, que pode mudar a vida deles como fez com a minha", diz, empenhado principalmente em conscientizar os alunos de escolas públicas.

Apostando na literatura como uma ferramenta poderosa, Renato Nogueira apresentou ao público, em especial aos professores, os irmãos Nana & Nilo, um casal de irmãos gêmeos que protagonizam duas histórias infantis transformadas em livros pelo traço de Sandro Lopes. "As crianças adoram brincar juntas e contam com dois grandes amigos: Gino – o passarinho verde – e Mulemba, árvore mágica (nativa da região tropical da África, que alcança

até 20 metros de altura) que transporta os irmãos para outros tempos e lugares para aprenderem a refletir sob uma lógica totalmente diferente daquela do individualismo e da competição, privilegiando a parceria em detrimento da competitividade". A raiz de sua inspiração vem de longe, dos povos Bantufona, seus ancestrais da região setentrional do continente africano.

Apesar de os livros serem voltados para a literatura infantil, Nogueira enfatizava o diálogo com os educadores. "Com este trabalho procuro debater a desconstrução dos estereótipos depreciativos naturalizados na infância negra e também fomentar o interesse pela busca de conhecimentos sobre as culturas e historiografia dos países africanos, base da cultura brasileira", disse o escritor, afirmando que o nascimento de suas filhas o impulsionou a desengavetar o projeto concebido há alguns anos. Certamente, um belo legado para seus descendentes.

4º Salão da Leitura de Niterói 2014
Caminho Niemeyer
Rua Jornalista Rogério Coelho Neto, s/nº –
Niterói/RJ
CEP: 24020-011
Site: www.salaodaleituraniteroi.com.br
Fotos: Divulgação

Identidades Afro-índigenas

Alunos participam de atividades lúdicas sobre o tema

No mesmo ano da aprovação da Lei nº 11.645, que determina a obrigatoriedade do estudo da história e culturas afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, o Ciep 365 Asa Branca, localizado em Nova Iguaçu, criou o projeto *Identidades Afro-índigenas*, cujo objetivo é difundir e conscientizar toda a comunidade escolar para o conteúdo da lei.

O projeto, criado em 2008, é permanente na escola e foi realizado com as turmas do Curso Neja (Nova Educação de Jovens e Adultos). “Se iniciou a partir da percepção de que boa parte dos textos presentes nos livros didáticos não despertava o efetivo interesse dos alunos pela leitura. Diante desse panorama, procuraram-se outros caminhos para que o ato de ler propiciasse prazer e não fosse apenas uma obrigação escolar”, explica Elane Barreto, professora e uma das responsáveis pela atividade.

Segundo ela, através de outros projetos pedagógicos desenvolvidos, os temas que fazem referência à história do continente africano e às manifestações culturais afro-índigenas brasileiras foram debatidos duran-



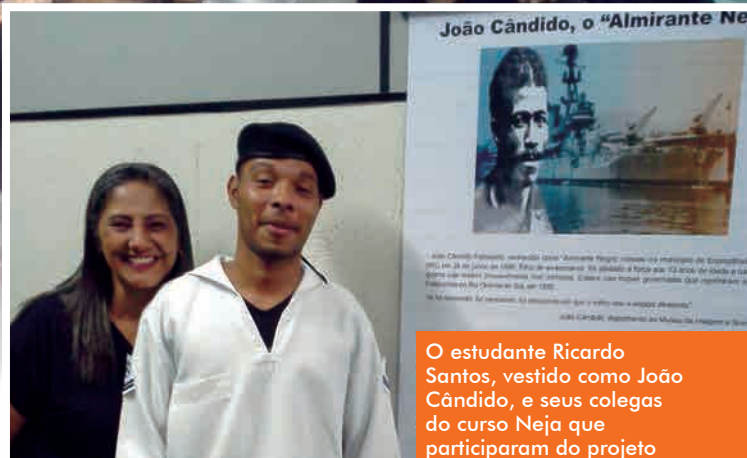
Os alunos criaram uma boneca inspirada em Carolina de Jesus cercada por seus livros e pelo “lixão”, de onde tirava seu sustento



te as aulas de Língua Portuguesa, História e Geografia. “Com base no retorno satisfatório, os professores dessas respectivas matérias passaram não somente a fomentar a ideia de que as áreas do conhecimento se integram, como também a explorar outros ambientes da escola como as salas de leitura e vídeo e o auditório”, justifica.

De acordo com os professores responsáveis pelo projeto, Elane Barreto (Língua Portuguesa e Literatura), Edson Azeredo (História) e Júlio César Nascimento (Geografia), o intuito era homenagear personalidades negras pouco conhecidas pelos brasileiros. Os personagens escolhidos foram Carolina Maria de Jesus, que segundo a Revista Brasileiros era uma catadora de papel e foi descoberta pelo jornalista Audálio Dantos, que ajudou a publicar seu livro “Quarto de despejo – Diário de uma favelada”, traduzido para 15 idiomas; e João Cândido, também conhecido como “Almirante negro”, marinheiro famoso por liderar a Revolta da Chibata, importante movimento social ocorrido, no início do século XX, no Rio de Janeiro.

A partir daí, foram feitos levantamentos do contexto histórico vivido por João Cândido, pesquisas sobre a biografia de ambos e observações da trajetória de vida deles pelo Brasil, através de análise geográfica dos espaços que ocuparam, com suas realizações e dificuldades no caminho.



O estudante Ricardo Santos, vestido como João Cândido, e seus colegas do curso Neja que participaram do projeto

Com isso, os alunos participaram de rodas de leitura com ênfase no livro de Carolina Maria de Jesus já citado, apresentações de jogral, música, dança, interpretação e discussão das obras da autora e da história do marinheiro. Foram criados também painéis com questionários sobre eles. “Era uma espécie de *quiz* interativo. Durante a culminância, os visitantes discutiam as opções de resposta e só então verificavam a alternativa correta. Foi muito instigante, os alunos queriam participar para ver quantas respostas conseguiam acertar”, conta a professora e Mediadora Educacional de Tecnologia, Sheila Pires.

O aluno do módulo I Bruno Rodrigues Guimarães conta que participar do projeto foi uma atividade muito prazerosa. “Ajudou a compreender melhor o papel de personalidades negras na História do Brasil. Posso dizer que o projeto permitiu que não somente eu, mas todos os alunos, tivessem a oportunidade de gerar seu próprio conhecimento através de pesquisas e debates feitos em sala de aula. Aprendi a valorizar mais o legado da cultura negra no Brasil, trabalhar em equipe, superar meus limites e usar a imaginação e a criatividade”, finaliza o estudante.

Colaboração: Jéssica Almeida

Ciep 365 Asa Branca
Estrada Velha Santa Rita, s/nº –
Jardim Ocidental – Nova Iguaçu/RJ
CEP: 26051-060
Tel.: (21) 2668-9090
E-mail: ciep365@oi.com.br
Fotos cedidas pela escola



Pelas ruas do Rio



Associados participam de passeios culturais oferecidos pela Appai

“Cidade Maravilhosa / Cheia de encantos mil”. A marcha composta por André Filho foi intitulada Cidade Maravilhosa, codinome dado pelo escritor maranhense Coelho Neto como homenagem às suas belezas naturais. Além do encanto, a cidade conta com uma grande diversidade cultural, atraindo visitantes e turistas. Pensando nisso, a Appai, através do Benefício Passeio Cultural, oferece a seus associados a oportunidade de conhecer pontos turísticos do Rio de Janeiro.

O primeiro passeio aconteceu no dia 11 de janeiro e desde então já foram oferecidos vários roteiros: Morro da Conceição, Museu Histórico Nacional, Santa Teresa, Jardim Botânico e Niterói. O primeiro é berço da ocupação portuguesa e, situado na região portuária, ainda possui casarios (tipo de constru-

ção tradicional no país Basco e Navarra, na Espanha) com azulejos datados do século XVIII. O local foi batizado com este nome, por causa da capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, construída no alto do morro, em 1634.

Já o Museu Histórico Nacional, inaugurado em 1922, é um dos mais importantes do Brasil, reunindo um acervo de 348.515 itens, entre os quais a maior coleção de moedas e medalhas da América Latina. O terceiro roteiro, Santa Teresa, é conhecido pelas construções históricas do século XIX, mas o diferencial do bairro é ter sido o último da cidade a fazer uso de pequenos veículos leves sobre trilhos, os chamados bondes, que circulavam por suas ruas.

O quarto roteiro foi o Jardim Botânico, um dos dez



Os associados da Appai marcaram presença em Niterói (à esquerda) e no Jardim Botânico



A guia turística explica a importância do Museu Histórico Nacional e, abaixo, o Museu de Arte Contemporânea (MAC), que se tornou um dos cartões-postais de Niterói



Também em Santa Teresa, os associados posam no Largo do Curvelo

A Escadaria Selaron é uma obra de arte a céu aberto no Bairro de Santa Teresa



mais importantes do gênero no mundo, que, além de abrigar as mais raras espécies de plantas da flora brasileira e de outros países, é uma ótima opção de lazer para crianças e adultos e para aqueles que querem contemplar a natureza.

O quinto roteiro escolhido, Niterói, é a segunda cidade do mundo, superada apenas por Brasília, com a maior quantidade de obras projetadas pelo arquiteto Oscar Niemeyer. Em terrenos à beira-mar, foi erguido um complexo arquitetônico de arte e cultura de caráter popular, com edificações que, junto com o Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC), formam ao longo da orla o Caminho Niemeyer.

A associada Denise Pereira conta que achou a iniciativa perfeita. “Há coisas da nossa cidade às quais não temos tempo de prestar atenção. Lugares por que passamos e não sabemos nem o que aconteceu ali e muito menos a importância do fato para a nossa história. Acho que o Passeio Cultural nos causa principalmente a vontade de ser turista na nossa própria cidade. É imperdível. Eu e minha família ficamos sempre atentos para o início das inscrições”, explica.

E não para por aí! O próximo roteiro é a Ilha de Paquetá, localizada na Baía de Guanabara. A principal forma de chegar lá é através do transporte marítimo da estação das barcas, na Praça XV. Mas, afinal, por que a ilha recebeu esse nome? Existem moradores lá? Essas e outras informações serão dadas ao longo do passeio. Confira a programação no *site* da Appai e nas redes sociais. Participe!

Colaboração: Jéssica Almeida



Um outro olhar sobre o mundo

Sandra Martins

Aos nove anos de idade, o pequeno Wendel Gonçalves era irritadiço. “Uma criança nervosa”, como ele mesmo define. Criado pela mãe e pela avó, perdeu o pai ainda pequeno. O menino “de pavio curto” devolvia ao mundo o que este lhe proporcionava: violência, medo, falta de perspectivas. Sua vida começou a mudar quando passou a frequentar a Oficina Portinari, em 2006. “Às vezes eu brigava e o professor Ubirajara dizia ‘não é assim, Wendel. Fica calmo, não aceita as provocações,

deixa pra lá’. Com o tempo fui mudando, desenvolvendo uma nova forma de ver o mundo, através da arte, dos desenhos. Hoje, me considero uma pessoa calma. E este Caderno de Ilustrações Oficina Portinari revela justamente isso, como as crianças veem o mundo”.

A publicação é uma ação da Oficina Portinari do Espaço Casa Viva/Rede CCAP, cujos cursos buscam despertar vocações através de atividades artísticas, culturais e sociais capacitadoras para a formação integral dos participantes. Presente ao lançamento na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Paulo Gadelha, presidente da instituição, enalteceu



a iniciativa inspirada no grande pintor brasileiro que dá nome à atividade. “Esta oficina tem a especificidade de desenvolver formas de expressão que podem representar visões de mundo. É importante o acompanhamento deste trabalho ao longo dos anos e observar o resultado intervencionista no alargamento das expectativas de vida, de novos horizontes dos alunos”.

“O caderno é o resultado de anos de encontros pedagógicos, nos quais se aplicou a metodologia ‘arte de ver’, cuja proposta é levar as crianças a desenvolver o processo de reflexão e análise de cada estrofe dos poemas de Cândido Portinari”, disse Elizabeth Campos Silva, coordenadora do Casa Viva.

Incentivador do trabalho, João Cândido, filho do renomado pintor, registrou sua impressão no caderno. De infância pobre em Brodowski, cidade paulista, seu pai retratou a história, o povo, a cultura, a flora e a fauna brasileiras. “Portinari também incursionou um pouco pela poesia para contar sua infância e seu povoado. O importante é que sua obra continua viva, inclusive entre os jovens, onde o diálogo e a interação se mostram ricos. Prova disso é o Caderno de Poesias da Oficina Portinari: conversa entre almas sensíveis. A poesia do pintor alimentando a pintura poética desses brasileirinhos. As crianças de Manguinhos, de mãos dadas com o menino de Brodowski, fazendo arte!”, afirma João Cândido.

Sonhar é possível. E os coautores desta publicação demonstram que suas realidades podem ser transformadas a partir de sua própria compreensão de que primeiro terá que mudar seu olhar sobre sua realidade, buscando ou construindo outras possibilidades de interação com o meio ambiente. Foi o que aconteceu com Wendel, hoje com 16 anos, morador do bairro de Manguinhos, onde está a sede da Fiocruz, que tem ações focadas em jovens, como o Programa de Vocação Científica (Provoc), da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz), que investe em iniciação científica na educação básica no Brasil. O rapaz, que está no 2º ano do Ensino Médio, é um dos alunos deste programa, que tem como objetivo receber jovens estudantes nos laboratórios de pesquisa da Fiocruz, visando incentivá-los a seguir carreiras científicas. “Vejo que o meu caminho será fazer engenharia. A área em que estou trabalha com a manutenção de máquinas empregadas na produção de biofármacos ou medicamentos biológicos”, afirma.

Já o futuro *webdesigner*, professor de Matemática e empresário do ramo da educação Alexandre Souza, de 12 anos, está na Oficina Portinari há cinco. Extrovertido, o menino declara que as aulas tiveram um forte impacto em sua vida, pois permitiram melhorar a concentração e controlar a ansiedade, o que afetou positivamente o rendimento escolar. “Só acontece coisa boa. E agora com o livro, então! Eu fiz meu desenho um ano depois que entrei na oficina, em 2009. Agora ele está registrado numa obra que estou autografando!”, disse o menino, feliz, afirmando que continuará na oficina enquanto der: “Mesmo que não possa ser aluno, vou ser ajudante do Bira. Quero estar sempre no Casa Viva!”.



Afeto, determinação, ludicidade, paciência, muita conversa e jogo de cintura são alguns dos ingredientes utilizados no cotidiano da Oficina Portinari, que busca desconstruir uma realidade dolorida, sem cores, o que o artista procurou fazer em sua obra. Com a frase “Devemos pintar como sentimos, mas devemos saber pintar o que sentimos”, o pintor-poeta promove uma releitura da realidade, analisando-a, reprocessando-a e criando possibilidades de transformá-la. Esta é a proposta desenvolvida pela oficina segundo Ubirajara Rodrigues, coordenador e professor do projeto. Ao longo das aulas, as crianças foram levadas a sentir e entender a mensagem deixada pelo artista, e a transmitir visualmente sua interpretação. Daí o subtítulo do caderno: Trechos de poemas de Cândido Portinari por crianças da Comunidade de Manguinhos. “A arte é um instrumento libertário para a reflexão”, completa.

A oficina não objetiva o ensino do desenho ou da pintura, mas o desenvolvimento da sensibilidade e da criticidade das crianças, fazendo com que elas possam ter um outro olhar sobre si mesmas, o seu entorno, o seu papel na sociedade em que vivem e sua relação com o mundo. Para operacionalizar esta intenção, parte-se de um tema gerador – A Arte de Ver Manguinhos – trabalhado por meio de uma didática multidisciplinar, pautada no pensamento social, político e prático, do ponto de vista artístico, do pintor Cândido Portinari. A partir deste tema desenvolveram-se os projetos *Conhecendo Manguinhos*, em 2013, e o *Reconhecendo Manguinhos*, ao longo de 2014.

Bira explicou que, no campo técnico-artístico, os alunos aprendem sobre as cores primárias e secundárias, degradê, estilização, perspectiva e outras técnicas que são apresentadas conforme a necessidade, além de uma série de conversas ligadas à percepção visual e social. “Temos que trabalhar com coisas concretas. É a arte interagindo com a realidade”. Com o *Reconhecendo Manguinhos* os alunos foram levados a passeios em comunidades próximas para fotografar, observar e analisar o que viam. Participaram de três oficinas de fotografia, onde tiveram noções de luminosidade e enquadramento, entre outras coisas.

Foram produzidas pequenas telas retratando uma nova visão sobre Manguinhos. A realidade foi relida a partir de visitas ao campo – as comunidades do entorno (aulas passeio), onde produziram fotografias (observação da realidade) e conversaram com moradores e/ou comerciantes. As imagens foram copiadas em papel vegetal (leitura interna) e depois decalcadas em pequenas telas (decupagem). Cada telinha tem ao seu lado a fotografia original e o retrato do aluno. O trabalho participou de várias exposições externas – colégios da região e atividades da Fiocruz – e atualmente se encontra na sede do Espaço Casa Viva.

Mais do que ensinar técnicas, busca-se a mudança da postura da criança, seu olhar, sua reflexão. Para o educador, isso não é algo visível imediatamente. “Mas sentimos. Sabemos que a criança está se transformando, a partir do seu jeito de olhar, na forma que vai falar e agir. É subjetivo. Costumo dizer que ela pode ser o que quiser – pedreiro, engenheiro, dona de casa, médica. Mas é importante desenvolver suas percepções, capacidades, e esta é a melhor idade. Seu olhar muda.

Sua percepção se altera, mesmo quando vai ao supermercado. Ela verá as cores, os elementos gráficos, a disposição das mercadorias e o efeito visual do acondicionamento delas na gôndola. Começa a perceber diferente”.

As conversas são muitas. “O incentivo vai desde a própria conduta do aluno na interação com o meio ambiente até levá-los a fazer analogias entre os temas da atualidade com sua comunidade. Por exemplo, em tempos de jogos internacionais no Brasil, refletir



Paulo Gadelha, presidente da Fiocruz, na tarde de autógrafos com alguns dos coautores do Caderno de Ilustrações Oficina Portinari

sobre a importância do futebol para o desenvolvimento comunitário. “Não queríamos somente abordar a Copa enquanto entretenimento e o quanto ela está sendo custosa para o Brasil, daí o título *Para não falar em ‘Copa do Mundo’*. Foi decidido também que seria feita uma filmagem e, como resultado, criaram a Webtv Oficina Portinari”, disse Bira.

“O que seria uma brincadeira, um exercício reflexivo, tornou-se o embrião de um novo projeto, que já conta com outras propostas de debate sobre o desenvolvimento sustentável de Manguinhos e a questão da consciência racial, que envolverá a construção de um quilombo, entre outros projetos”, disse Elaine Gibin, assistente na oficina, que informou que, passada a Copa do Mundo, o trabalho avançará nesse sentido: “Estaremos pesquisando as histórias dos quilombos e fazendo analogias com o momento atual. A proposta será a produção de um quilombo para a Semana da Consciência Negra”.

Para o programa de Webtv Oficina Portinari, postado no *Youtube*, as crianças participaram de oficinas de audiovisual: edição, iluminação, postura, locução, produção de roteiro de entrevistas. Nas artes, trabalharam com argila, pintura, decalagem, ampliação e redução de desenhos, para construir painéis e logomarca. Também fizeram as chamadas e comerciais, que consistiram na divulgação das atividades do Casa Viva. No programa, entrevistas, imagens da região relacionadas ao tema e comerciais – tudo feito pelas crianças. Para a estreia, a entrevistada foi Graciara da Silva, ex-jogadora profissional de futebol feminino, Gagui, que atua com projetos de escolinha de futebol na região de Manguinhos.

A diversidade de técnicas utilizadas, além da dedicação, carinho e a conversa séria na hora certa, fazem com que a Oficina Portinari continue conquistando crianças e jovens. “Sensibilidade e empatia no trato com essa faixa etária são fundamentais. De um modo geral, eles sofrem com um meio ambiente antagônico cuja representação externa é de estigmas negativos”, ressaltou Bira, ao falar sobre a



autoestima muito baixa. Este inclusive é o ponto crucial do trabalho do Casa Viva, que busca despertar esse sentimento nas crianças, mostrando a elas que todos têm valor. Assim, são orientadas a descobrir-se e a liberar sua capacidade criativa.

Evidentemente, há situações de tensionamentos. “Houve casos em que tivemos que levar o aluno para o portão e dizer: ‘amanhã, quando você quiser vir, tudo bem, mas deixe para fora deste portão o que não interessa. Você precisa se concentrar no que estamos desenvolvendo aqui’. E no dia seguinte ele estava lá. É preciso saber colocar essas coisas com respeito e tato, para não ferir. Uma coisa é fazer chorar, outra coisa é magoar. Às vezes você fere, mas não faz chorar. E cria inimizades, o que é algo muito sério. Tem que saber lidar com as crises da criança, pois elas levam à reflexão, mesmo que não tenham ainda consciência, afinal são ainda muito jovens”. Não é à toa que elas veem no professor um parceiro, um ombro amigo, um adulto em quem podem confiar. “O Bira sempre conversa com a gente. Ele é um professor, meio pai, meio analista. Ele nos escuta e nos ajuda a refletir sobre o que queremos e que caminhos devemos ou não seguir”, disse Alexandre, uma fala comum entre os alunos da Oficina Portinari.



Oficina Portinari, Espaço Casa Viva / Rede CCAP
Rua Capitão Bragança, 142 – Manguinhos –
Rio de Janeiro/RJ
Tel.: (21) 3869-8330
Site: www.redeccap.org.br
Coordenador: Ubirajara Rodrigues
Fotos: Divulgação



Arte dentro e fora da sala de aula

O ensino de Arte nas escolas é importante porque constrói no educando um pensamento

crítico, através da autonomia, desenvolvendo competências que trazem autoconfiança e liberdade de expressão. Foi com esse pensamento que a professora da disciplina, Peter Jean Cohen, desenvolveu no Colégio Estadual Almirante Tamandaré, em Japeri, a Oficina de Artes, batizada de *Multiarte*.

A docente conta que o projeto surgiu há onze anos e é oferecido na escola como uma atividade extracurricular. “O objetivo da oficina é promover condições através do processo interpretativo e criativo da arte, para que os jovens e adolescentes desenvolvam autoconfiança, além de valores éticos e morais que permitam a construção de uma cidadania plena e satisfatória, que os torne capazes de criar poéticas pessoais”, explica Peter. Segundo ela, as oficinas são voltadas exclusivamente para a pintura artística e não há nenhum tipo de avaliação. “A frequência é gerida pelo prazer de pintar”, afirma.

Além disso, a educadora inscreve os alunos em diversos concursos nacionais e internacionais. Inclusive, por meio dessa iniciativa, duas obras produzidas pelos estudantes

estão expostas na China e na República Tcheca. “Sempre participamos de concursos de pintura e em consequência conquistamos vários prêmios, os mencionados anteriormente foram alguns deles”, conta.

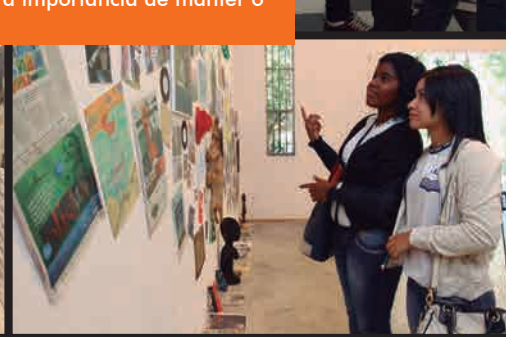
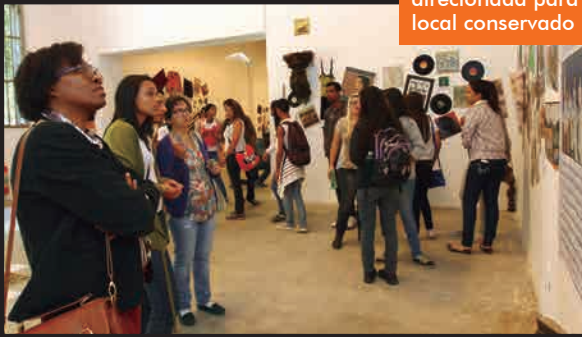
De acordo com Peter, ela transmite as informações para os alunos e os interessados criam obras especificamente para o concurso. “Os jurados decidem as que vão concorrer, que são selecionadas de várias maneiras. Alguns exigem foto da obra antes de serem enviadas para uma análise prévia da qualidade do trabalho, enquanto outras aceitam todas que estejam dentro das normas exigidas no regulamento. A partir daí, são escolhidos os ganhadores. Como nenhum de nossos alunos teve as passagens custeadas para comparecer à entrega da premiação nos países, os prêmios foram recebidos no consulado. Todas as obras vencedoras agora fazem parte do acervo do local onde estão expostas”, explica.

Exposição de Arte Contemporânea

Além dos concursos de que os estudantes participam, a professora também incentiva visitas a exposições de arte. A última envolveu os alunos do projeto com outros colegas do 2º ano do Ensino Médio. Eles visitaram a mostra de Arte Contemporânea, no Parque Lage. Acompanhados das professoras Peter, de Arte, e Maria Aparecida da Costa, de Língua Portuguesa, os discentes puderam conhecer as obras fixas



Os estudantes do Ensino Médio visitaram a exposição de Arte Contemporânea, no Parque Lage, e participaram de uma oficina direcionada para a importância de manter o local conservado



do parque e também explorar as exposições transitórias. De acordo com Peter, ela e Maria Aparecida sempre que possível trabalham juntas. "Atuamos de forma interdisciplinar já que ambas abordam a linguagem. Isso é de extrema importância para o desenvolvimento do processo criativo", explica.

Na ocasião, os estudantes também participaram de uma pequena oficina, ministrada pelos funcionários da Escola de Artes Visuais, direcionada para que se perceba a importância de manter o Parque conservado. Para o aluno Lucas Araújo, a visita foi uma oportunidade de ver que a arte está presente em todo lugar. "Tudo o que vi despertou em mim um olhar mais crítico diante de várias formas artísticas. Aqui, conheci obras maravilhosas e percebi que a beleza está nos olhos de quem vê", afirma. A professora Maria Aparecida da Costa destacou a importância do educador como um protagonista na transformação do conhecimento. "Nosso trabalho como professor é orientar e promover oportunidades. Essa experiência mostrou a importância e a diferença que atitudes como essa podem fazer na vida de um aluno", afirma.

Segundo Peter, o objetivo da visita era propiciar aos jovens um novo olhar diante da arte e, assim, desenvolver novos trabalhos para a 3ª Mostra de Arte Contemporânea, que será realizada no colégio em outubro. "Trata-se de um momento em que todas as turmas do Ensino Médio têm oportunidade de colocar seus projetos artísticos em ação, produzindo obras através do desenvolvimento do poder criativo. A linguagem utilizada é livre, cada grupo traça a sua obra, que pode ser uma pintura, uma instalação, uma intervenção ou uma videoinstalação. O que importa é que o aluno tem liberdade para criar", explica.

Colaboração: Jéssica Almeida

Colégio Estadual Almirante Tamandaré
Avenida São Sebastião, s/nº - Chacrinha - Japeri/RJ
CEP: 26440-530
Tel.: (21) 2670-1211
E-mail: almtamandare@gmail.com
Professora responsável: Peter Jean Cohen
Fotos cedidas pela escola / Marcia Costa (Seeduc)

NOVAS TURMAS

INSCRIÇÕES PELO SITE APPAI.

NOVA TURMA DE RITMOS QUENTES (ZOUK, SALSA E FORRÓ) NO CENTRO - RJ

CLUBE DOS OFICIAIS DA MARINHA

AV. PASSOS, 122 - 2º ANDAR - ÀS QUARTAS-FEIRAS - DAS 18 ÀS 20HS.

DATA INÍCIO: 10/09/2014





O esporte como transformador de valores

Claudia Sanches

Trabalhar de forma interdisciplinar, focando valores, atividades em equipe e organização. Esse foi o objetivo principal do projeto *Itauá na Copa*, realizado com alunos do maternal ao 9º ano no Centro Educacional Itauá. “Transformamos o que seriam simples discussões e competições no pátio em algo que venha a somar nas experiências diárias. Estamos nos preparando desde ano passado para essa empreitada e passamos muita motivação para o alunado. Vamos trazer, com olhar pedagógico, esse momento que todo o país está vivendo”, explicou a diretora Ana Oliveira. O projeto foi executado em parceria com os professores, que escolheram dez países participantes da copa Fifa para representar o evento. Cada docente e seu grupo exploraram o assunto de forma interdisciplinar contextualizando os temas.

Durante o semestre a Educação Infantil explorou aspectos socioculturais e hábitos alimentares dos países Japão e África do Sul. Ao longo da culminância as crianças expuseram, através de trabalhos com reciclagem, na Expo kids, a camisa da seleção brasileira de futebol, estudaram a história desse símbolo através dos tempos e fizeram uma releitura de como elas gostariam que fosse o uniforme atual. As crianças do Ensino Fundamental I pesquisaram em laboratórios de informática e assistiram filmes sobre os países com os quais trabalharam. Cada um deles foi homenageado na Feira Cultural, com apresentação de suas danças típicas.

Num outro momento as crianças participaram de um torneio, que não teve um único vencedor, segundo Ana: “Quem ganhou? A presença, a colaboração, a importância do indivíduo dentro da sociedade”, diz. Para trabalhar Ciências, os alunos ainda realizaram experiências para entender aspectos geológicos de alguns países, como vulcões, por exemplo, que foram representados através de maquetes. O professor de Matemática Alexandre Breia explorou as tabelas por meio de charadas. O desafio é lançado e através do cálculo mental os alunos respondem. “A garotada adora”, garante o professor.

No 2º segmento do Ensino Fundamental, a diretora promoveu oficinas de orientação profissional. Como especialista em Recursos Humanos, a educadora trouxe esse olhar para



Em grupos ou em apresentações isoladas os alunos do colégio Itauá realizaram vários números com temas que transitaram pela arte, cultura, saúde, esporte e outras áreas afins



dentro da escola. Ana acredita que a experiência gera um resultado muito fértil. Para enriquecer mais o projeto, a equipe levou um jogador de basquete, Yverson. A ideia era apresentar aos alunos um jovem que, mesmo se dedicando à vida de atleta, estuda Administração, dando exemplo da importância de manter um objetivo na vida. Uma banca examinadora presente no evento propiciou à equipe a oportunidade de vivenciar a prática da oratória. Todos os estudantes abordaram os países do globo, através de disciplinas como Ciências, Matemática e Física, e apresentaram suas conclusões à banca.

No seminário foram levados em conta itens como participação, escrita, oralidade e interação. O objetivo era que eles já treinassem para as monografias das faculdades e para as entrevistas do mercado de trabalho. Para Ana, essa vivência, atrelada às disciplinas do currículo, é uma forma de trabalhar de modo cada vez mais interdisciplinar, propiciando uma oportunidade através da educação: preparar o educando para a vida.

Os alunos também exploraram contos e teatro através das disciplinas de Educação Física e Literatura. A partir do conto "Alice no país das Maravilhas" os grupos fizeram releituras e apresentaram uma nova versão do original. "O educador Paulo Freire já dizia que o teatro possibilita muitas possibilidades de aprendizagem e conhecimento", lembra a professora Ana Rosa, de Língua Portuguesa, que, em parceria com a equipe de religião, estimulou os alunos

a formularem suas opiniões, em seguida buscando trazer para a realidade atual. Assim, a atividade chegou ao ponto de propor a reflexão sobre personalidades como Adolf Hitler e Abrahan Lincoln.

Durante a culminância, que foi a Feira Cultural, os estudantes apresentaram as danças típicas dos países homenageados. O evento também contou com a participação de um grupo de ginástica olímpica com fitas do Centro Esportivo Miécimo da Silva. Houve também a apresentação das crianças, que dançaram e cantaram num dialeto africano, o que encantou a comunidade e familiares. "Conseguimos resultados muito produtivos com esse trabalho. As turmas também vivenciaram valores através da diversidade para combater o preconceito", conclui a diretora.

Centro Educacional Itauá
Estrada do Moinho, 226 – Campo Grande –
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 23040-250
Tel.: (21) 3384-4031
E-mail: centroeducacionalitaua@centroeducacionalitaua.com
Direção: Ana Oliveira
Fotos: Marcelo Ávila





O bigode fora dos padrões era marca registrada de Dalí, que adorava chocar o público com suas declarações e aparições inusitadas. Em 1936, na abertura de uma exposição surrealista em Londres, apareceu vestido em trajes de mergulho

© Surrealismo de Dalí

Alunos da rede estadual visitam exposição do pintor no CCBB

O Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), no Rio de Janeiro, atrai público de todas as idades desde 1989. Em sua programação, a instituição disponibiliza visitas guiadas e atividades relacionadas às exposições, como exibição de filmes e *workshops*. Os alunos do Ciep 415 Miguel de Cervantes, que fica em Itaboraí, estiveram lá e puderam ver de perto as obras do famoso pintor Salvador Dalí, conhecido pelo seu trabalho surrealista.

A exposição abrangeu cerca de 150 obras do artista, entre pinturas, gravuras, documentos, fotografias e ilustrações. Alguns deles faziam parte da biblioteca particular de Dalí. A aluna Raquel Miranda, da 2ª série do Ensino Médio, afirmou que ficou encantada tanto com as obras do pintor, quanto com a estrutura do CCBB. “É a primeira vez que venho aqui, pois Itaboraí fica longe do Rio. Achei o prédio muito grande e bonito”, elogiou.

Na exposição, havia também capas de revistas estampadas com Dalí publicadas em todo o mundo, comerciais dos quais ele fez parte, um filme de

Os alunos da escola de Itaboraí acompanharam cada detalhe da exposição e ficaram encantados com a história e as obras do pintor



1970 intitulado "Salvador Dalí" e um trecho de "Quando fala ao coração", de Alfred Hitchcock, produzido pelo pintor catalão. Muitos autorretratos compunham a exposição, já que, segundo a curadora, o espanhol tinha uma obsessão pela imortalidade.

As obras do pintor atraíram a atenção dos estudantes, como Karolyne Rosa de Araújo, da 3ª série do Ensino Médio, que estava atenta a cada detalhe da mostra. "Quando vi as primeiras obras da exposição, percebi que ele gostava de pintar a família. Depois, começou a retratar o seu lado mais louco. Acho que, nessa fase, ele queria chamar a atenção do mundo, por isso pintava coisas tão surreais", explicou.

No final do passeio, a professora de Língua Portuguesa Luciana Aragão, que acompanhou o grupo durante a visita, contou que ficou surpresa com o interesse dos alunos pela exposição. "Não esperava que fossem gostar tanto. Creio que, após essa experiência, eles vão se empenhar ainda mais nos trabalhos realizados na escola. Nosso objetivo aqui é incentivar a curiosidade e o senso crítico dos nossos estudantes", lembrou.

Um pouquinho sobre Dalí

Salvador Domingo Felipe Jacinto Dalí i Domènech nasceu em 1904, na cidade espanhola de Figueres (Catalunha). Foi um dos mais importantes artistas plásticos (pintor e escultor) surrealistas da Espanha.

Desde a infância, Dalí demonstrou interesse pelas artes plásticas. Sua primeira exposição pública foi no Teatro Municipal de Figueres, em 1919. Três anos depois, foi viver em Madri, onde estudou na Academia de Artes de San Fernando. Nessa época, ele já chamava a atenção nas ruas, usando cabelo comprido, longos casacos, um grande laço no pescoço, calças até o joelho e meias altas.

Em 1926, Dalí foi expulso da Academia de Artes, depois de declarar que ninguém ali era suficientemente competente para avaliá-lo. Foi nesse mesmo ano que realizou sua primeira viagem a Paris, onde se encontrou com Pablo Picasso, com quem, nos anos seguintes, produziu uma série de trabalhos. Foi influenciado também por Joan Miró, enquanto ia desenvolvendo seu estilo próprio.

O ano de 1929 foi importante para Dalí. Ele conheceu sua musa e futura mulher, uma imigrante russa chamada Elena Ivanovna Diakonova, conhecida como Gala, realizou exposições importantes e juntou-se a um grupo surrealista no bairro parisiense. Dez anos depois, foi expulso por motivos políticos.

Em 1949, Dalí e sua esposa foram morar na terra natal do pintor, Catalunha, onde, anos depois, colocou em prática um grande projeto: o Teatro-Museo Gala Salvador Dalí, que reuniu grande parte de suas obras.

Em 1982, com a morte da esposa, o pintor entrou numa fase de grande tristeza e depressão. Parou de produzir e se recusava a fazer as refeições diárias. Dois anos depois da morte de Gala, um incêndio tomou conta de seu quarto (alguns estudos apontam uma possível tentativa de suicídio). Com isso, passou a receber o cuidado e atenção de seus amigos. Em 1989, Dalí morreria vítima de pneumonia seguida de parada cardíaca.

Colaboração: Jéssica Almeida

Ciep 415 Miguel de Cervantes
Rodovia Manilha Magé, km 1, s/nº – Manilha – Itaboraí/RJ
CEP: 24800-000
Tel.: (21)3638-6195
E-mail: migueldecervantes@oi.com.br
Fotos: Marcia Costa (Seeduc)



Inclusão na escola

Professor promove projeto de libras para alunos

De acordo com a Lei nº 10.436/02, libras foi reconhecida e oficializada como língua no território brasileiro, e vem abrindo caminhos para que as pessoas surdas se integrem ao meio em que vivem. Entretanto, os ouvintes raramente têm conhecimento e domínio do idioma. Pensando nisso, o professor Israel Gonçalves Cardoso, do Colégio Estadual José Carlos Boaretto, localizado em Macuco, na Região Serrana do Rio, idealizou um projeto que ensina libras para alunos do curso de formação de professores.

A iniciativa surgiu no início de 2014, quando alguns afirmaram que queriam aprender a língua brasileira de sinais. “Eles sabiam que eu lecionava a disciplina na faculdade, então a partir desse interesse fomos até a direção que nos deu total apoio e motivação para a montagem do projeto. Nossa intenção é que ele se torne permanente, já que este ano é a nossa primeira edição”, explica Israel, que afirma que o que o levou a elaborar a atividade foi a maneira deturpada de como a inclusão é trabalhada. “Infelizmente ainda existe muito descaso. E há também o esforço que o aluno surdo faz para entender o mundo ouvinte e os professores e alunos fazem para compreender o mundo surdo”, completa.

O educador explica que o projeto é norteado por dois objetivos básicos: difundir a língua brasileira de sinais que, apesar de ser um idioma com relatos históricos que comprovam sua existência há mais de 100 anos, ainda é novidade para a grande maioria das pessoas. E preparar os educandos para a proposta de inclusão do aluno surdo nas salas regulares de ensino, transmitindo um conhecimento básico a respeito das libras.

A aluna Ana Maria Modesto, da turma 3.001, conta que no primeiro dia de aula pensou que seria muito difícil aprender os sinais. “Tem que prestar bastante atenção para não errar. Mesmo isso acontecendo às vezes, continuo gostando de tudo. Por isso não vou abrir mão! É a melhor escolha que fiz na minha vida. O curso é muito bom, nunca tinha pensado em fazer agora o que estou fazendo, estou amando! Espero que até o final tenha aprendido a linguagem de libras, porque sei que será importante para o meu futuro profissional”, explica a aluna.

O educador conta que se surpreendeu com a participação calorosa dos discentes. “Mesmo com todo cansaço da rotina integral que o curso normal lhes proporciona, eles vêm bravamente e assistem as aulas. Nos divertimos muito, pois procuro sempre trabalhar de uma forma dinâmica, atraente e relaxante”, declara. A aluna



O intuito do projeto é difundir a língua brasileira de sinais e preparar os educandos para inclusão do aluno surdo em salas regulares de ensino

Clarisse Faria de Souza, da turma 2.001, conta que as aulas têm sido muito proveitosas. “A cada dia que passa estou me encantando mais pela libras. Muitos lugares estão precisando de intérpretes, por isso vejo que vou ter mais oportunidades de emprego e, quando começar a exercer o trabalho de professor e tiver um aluno surdo em minha sala, esse curso vai ser minha base para me comunicar com ele. Vejo que os surdos ainda têm muitas lutas pela frente, mas seu espaço na sociedade a cada dia que passa está se expandindo”, completa.

A aluna Ranna de Souza, também da turma 3.001, completa afirmando que o curso foi um incentivo: “Aprender a lidar com pessoas surdas que apresentam dificuldade em se comunicar com a sociedade é gratificante! Está sendo ótimo e para curso normal melhor ainda, porque, além de aprender, podemos também ensinar uma pessoa a se comunicar”, explica.

O curso é gratuito, dura cinco meses e o aluno só tem a despesa do material didático (que está sendo elaborado no decorrer do próprio trabalho). As aulas são ministradas todas as sextas-feiras, no colégio, no período de 18 as 20h. Para esta edição do projeto só foi permitida a participação dos alunos do curso de formação de profes-



sores, mas futuramente pode ser estendida aos demais estudantes da unidade escolar. No término do curso todos receberão um certificado contendo a carga horária e o currículo adotado. O documento será assinado pelo professor e pela direção do colégio, e “só poderá recebê-lo o aluno que tiver 70% de frequência e fizer o trabalho final”, informa Israel.

O professor afirma que, conforme o projeto for se ampliando, a intenção é que ele se transforme em um coral. “Estou falando aqui em primeira mão, nem meus diretores e colegas de serviço sabem dessa notícia”.

Colaboração: Jéssica Almeida



Colégio Estadual José Carlos Boaretto
Rua Francisco Lopes Martins, 418 – Centro
– Macuco/RJ
CEP: 28545-000
Tel.: (22)2554-2284
E-mail: cejcb@bol.com.br
Professor responsável: Israel Gonçalves Cardoso
Fotos cedidas pela escola



Sentir, entender

Práticas investem no contato com a natureza para passar responsabilidades às crianças

Queremos despertar a reflexão sobre como as pessoas estão vivendo. É uma proposta que integra o grupo

Fazer com que as pessoas se sintam realmente parte da natureza. Foi com essa proposta que surgiu o projeto *Escola Floresta*, programa da ONG Sustentarte, que realiza um trabalho de educação ambiental em parceria com escolas das redes pública e privada, que já somam oito instituições de ensino. O projeto consiste na participação no reflorestamento de áreas desmatadas no Estado do Rio.

Uma vez por semana, crianças e adolescentes da Escola Dinâmica do Ensino Moderno (Edem) se reúnem no “quintal” da instituição para entrar em contato com a natureza. Os alunos do Ensino Fundamental e Médio participam de práticas e vivências que fazem com que eles se conscientizem de que fazem parte do ecossistema e são responsáveis pelo Planeta. Essas ações são desenvolvidas com os estudantes de forma lúdica, dentro e fora de sala, há quatro anos.

De acordo com o diretor e fundador da Sustentarte, Daniel Garza, o programa é realizado com as escolas e em parceria com a Prefeitura, que cede as sementes das vegetações originais da Mata Atlântica. “Ensinamos às crianças como plantar e cuidar. Primeiro elas têm um embasamento teórico sobre o ecossistema, onde colocamos a problemática do aquecimento global, da poluição das águas e do ar. Depois falamos sobre as atitudes, como reflorestamento, consumo consciente, reciclagem, entre outros temas. A ideia é fazer com que se sintam parte do meio ambiente”.

Para sensibilizar esse público quanto a sua responsabilidade, a equipe multidisciplinar e a ONG construíram um viveiro, feito em material reciclável, com bambu e com a estrutura toda amarrada com cordas. A equipe recebe as mudas e planta com as crianças do 5º e 6º anos. Quando elas brotam, são transportadas para caixas de leite e pintadas com tinta produzida por elas próprias. A meta é



e amar

Claudia Sanches

levá-las para uma área de reflorestamento previamente escolhida. Atualmente estão trabalhando na Pedra Branca, zona Oeste do Rio. As crianças plantam as mudas nos espaços em que ocorre o desmatamento.

Na opinião de Daniel, o projeto leva os alunos a se sentirem parte real do meio, porque eles se comprometem com uma ideia maior, que vai para fora dos muros da escola, de realizar um replantio em uma área desmatada, uma floresta. "O trabalho tem três fases: a sensorial, onde se mobiliza a parte afetiva; eles sentem a terra, olham as flores, têm que sentir, vivenciar. A intelectual, porque eles entendem os processos biológicos e da atuação do homem no Planeta, e a emocional, quando eles aprendem a amar o meio ambiente através do conhecimento e da sensação. Jogamos as sementes da responsabilidade para eles de forma que tenham literalmente esse contato físico com a terra".

Práticas pedagógicas

A professora do 5º ano Luiza Gatti garante que o trabalho atinge seu objetivo e os pequenos se envolvem em todos os processos: "As crianças podem plantar, ver essas mudas crescerem e as transportar para outras áreas. Elas participam desde a construção do viveiro, regam as sementes e mudas todos os dias. É um trabalho que traz

prazer para eles, que muitas vezes estão tão afastados do meio, que não sabem coisas como de onde vem o leite". Daniel acredita que o comprometimento da escola com o trabalho também é um diferencial: "O projeto vai da sala de aula, do planejamento no início do ano, da parte teórica, para o pátio do colégio e para fora dos muros da escola. Assim estudam geologia, formação da Terra, numa parceria que só soma". A ideia de Luiza é gravar as experiências e relatos dos alunos como registro. Agora o sonho das crianças é voltar ao local do plantio das mudas para ver a área ocupada pela vegetação. Eles insistem", brinca.

Além do viveiro, os alunos também participam em roda de vivências com monitores do trabalho, como Ana Coimbra, que realiza dinâmicas relacionadas com o conteúdo de sala de aula. Para falar sobre polinização, ela levou para a roda alguns tipos de flores da Mata Atlântica, como hibisco e pata-de-vaca. "Saí de manhã cedo colhendo flores", conta a professora emocionada, que se dedica a buscar experiências na Internet. "Tenho procurado não só dialogar com eles sobre o que é a natureza, mas trazer essas vivências. Assim podemos levá-los à consciência ambiental, de que eles pertencem ao ecossistema. Falamos sobre erosão do solo e já associam às tragédias da Serra Fluminense e das comunidades".

...Ou uma casinha de sapê

Uma casa toda feita de tijolos produzidos à mão pelos alunos, com areia, palha, argila e esterco. O teto tecido a bambu e palha. É a técnica ancestral do pau a pique e sapê, utilizada muito no Oriente Médio. O teto verde é uma plantação de boldo, tipo de vegetação que não tem necessidade de ser regada todos os dias. A edificação ecológica, realizada pelos alunos com supervisão dos monitores da ONG, surgiu da falta de um espaço para as crianças brincarem. A proposta é levar uma ideia limpa, bem contrária à da construção civil: "A Bioconstrução, cujo material é extraído de



forma natural, sem causar danos, é uma opção ao impacto da construção civil, cujo gasto é muito grande com energia, cimento e manutenção. Assim mostramos as consequências de um empreendimento como esse no meio ambiente”, explica Daniel.

A necessidade de ter uma área para os pais aguardarem também levou os adolescentes a construir uma sala de espera, com um banco feito em tijolos ecológicos e o teto verde em bambu. “É um local arejado e agradável por conta do material, que mantém o frescor”, diz “seu” Pedro, porteiro do colégio, que vê todos os dias as pessoas buscando sombra nos bancos de argila. Danillo Delgado, auxiliar de projetos sustentáveis, agora está projetando, a pedido dos estudantes, um bicicletário, também produzido com a mesma matéria-prima. Os alunos estão fazendo mais tijolos para a empreitada e têm oportunidade de colocar a mão na massa. A argila também apresenta uma vantagem, na opinião de Danillo, porque, se o tijolo não ficar no ponto, eles podem desmanchá-lo facilmente e refazer. O “errar”,

nessa atividade, é uma forma de se tentar novamente, pisar na terra, criar, desenvolver a criatividade”, acredita Danillo. O arquiteto Marcelo Veneziani conta que os próprios alunos estão pesquisando protótipos na Internet e quer quebrar o paradigma de que o bambu é um material “menor”. “Sempre ressalto que não se trata de algo alternativo, pois ele é muito resistente, tanto quanto o aço e o cimento, com a vantagem de ser flexível. É uma matéria-prima substitutiva”.

Segundo Daniel, a ideia é despertar a reflexão sobre como as pessoas estão vivendo. É uma proposta que integra o grupo. Pegamos uma turma em que ninguém tinha ainda se encontrado, e o trabalho coletivo fez com que todos se conhecessem, construíssem juntos a sala de espera e transformassem isso em socialização. A atividade estimula não só o lado sensorial nas aulas pedagógicas, ela mexe também com o afetivo. “Só acredito que as pessoas possam se ver como parte da natureza se elas conhecerem e ‘sentirem’. Não adianta só o cognitivo mas o emocional”, conclui Daniel.



Edem – Escola Dinâmica do Ensino Moderno
Rua Gago Coutinho, 14 – Largo do Machado
– Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22230-080
Tel.: (21) 3235-8080
E-mail: comunica@edem.g12.br
Direção: Judy Galper

ONG Sustentarte
Rua Marquês de Sabará, 41/401 – Horto –
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22460-290
Tel.: (21) 3268-4642
E-mail: contato@sustentarte.org.br
Direção: Daniel Garza
Fotos: Divulgação

Literatura de cordel: a arte e a cultura nordestina

A literatura de cordel é um tipo de poema popular impresso em folhetos, geralmente expostos para venda pendurados em cordas ou cordéis, numa tradição, que já existia em Portugal, de pendurar folhetos em barbantes. Esse costume se espalhou e chegou ao Nordeste do Brasil, onde o nome acabou sendo herdado. Com intuito de despertar e resgatar o interesse pela cultura nordestina principalmente no campo literário, o professor João Paulo, do Ciep 201 Aarão Steinbruch, em Duque de Caxias, criou o projeto *Literatura de cordel: a arte e a cultura nordestina*.

O docente explica que a ideia surgiu no primeiro semestre desse ano, com o objetivo de apresentar aos alunos do projeto *Autonomia Ensino Médio* um pouco da arte, da cultura e da literatura nordestina. "O principal intuito era incentivar a leitura e a produção textual", completa. O projeto, que envolveu as disciplinas de Artes, Língua Portuguesa e Literatura, foi desenvolvido em apenas duas aulas.

De acordo com o professor, o primeiro passo foi a apresentação e leitura de alguns cordéis, onde foram trabalhadas as características e métricas dos poemas. Em seguida, foram criadas as rimas para elaboração de

outros textos. Além disso, os estudantes produziram xilografias através da arte da isografia (xilografia em isopor) e de artesanatos com garrafa *pet*. A culminância do projeto contou com oficinas e exposição de trabalhos manuais, além de um sarau literário.

O aluno do módulo I Renan Cruz conta que o projeto foi importante, pois enriqueceu o conhecimento em relação à cultura nordestina e incentivou a leitura. O colega Bruno Ferreira completa afirmando que eles aprenderam sobre essa região do país de uma forma mais atrativa. Segundo o professor, já é possível notar mudanças em sala de aula. "Principalmente em relação à leitura e produção de textos, áreas em que os alunos apresentavam maior deficiência", explica.

Colaboração: Jéssica Almeida



Conforme a tradição, os poemas impressos em folhetos foram pendurados em cordas ou cordéis



Ciep 201 Aarão Steinbruch
Rua Presidente Kennedy, s/nº – São Bento
– Duque de Caxias/RJ
CEP: 25010-006
Tels.: (21) 3659-1464 / 3659-1797
E-mail: aaraorico@yahoo.com.br
Diretora adjunta: Ana Cátia
Fotos cedidas pela escola



Feira Cultural

Tony Carvalho

O Brasil, por apresentar uma grande dimensão territorial, possui uma vasta diversidade cultural, com manifestações oriundas de diversos povos que, com seus costumes e tradições, contribuíram para a formação de uma inestimável herança. Alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual Francisco Assumpção, em Nova Iguaçu, concluíram o primeiro semestre com a culminância do projeto *Juntos, unidos como irmãos em uma só nação*. A atividade envolveu os professores de diversas disciplinas da área de ciências humanas (Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Artes, História, Geografia, Filosofia e Sociologia) e também de Educação Física.

Os educadores estabeleceram alguns objetivos, como o de promover o desenvolvimento da criatividade, rompendo com as paredes da sala de aula, integrando-a à sociedade da informação e outros espaços produtores de cultura. O projeto objetivou ainda ampliar o conhecimento histórico, cultural e político, fazendo uma interface com as questões que estão ligadas ao tema. De acordo com a coordenadora

pedagógica Elizabeth Carla Lima, a escola desenvolve anualmente duas grandes atividades: a feira de ciências e o projeto cultural. “Este ano, em função do calendário apertado, devido à Copa do Mundo no Brasil, optamos por um trabalho maior. Sugerimos aos professores da área de linguagens que realizassem com os alunos um concurso do qual tiraríamos o lema. A partir disso seria criada uma arte que simbolizasse a integração das nações que vieram ao país participar da competição. Em seguida, as turmas organizaram vários tipos de pesquisas de campo, dentro e fora da escola, por livre iniciativa e por indicação dos professores, sempre buscando relacioná-las aos conteúdos do currículo mínimo”, justifica a coordenadora.

Para o professor Marcelo Moreira, de Geografia, conciliar o conteúdo da disciplina com o projeto foi fácil. “As nações representadas estão localizadas em diferentes continentes e a Copa é um evento de integração de culturas. Com isso, os alunos foram estimulados a realizar pesquisas sobre clima, moeda, localização geográfica, capitais. E, apesar de o



pano de fundo ser um evento esportivo, não deixamos de lado as questões socioeconômicas que envolvem nosso país. Mas sublinhamos com clareza para eles que uma coisa não invalida a outra. Ou seja, eles podem ter a consciência crítica sobre os problemas que o Brasil enfrenta, mas de uma maneira harmônica, pacífica e, principalmente, sem desprezar a questão de ser brasileiro e a paixão pelo futebol”, afirma.

A professora Bernardete Amaral, de Educação Física, destaca as reuniões por área, que possibilitaram aos educadores estabelecer, dentro de cada disciplina, o que seria possível atrelar ao projeto maior, dando um caráter interdisciplinar. “O nosso propósito foi agregar conteúdos. Em cima disso, bolamos a questão das cidades-sedes. Em vez de falarmos só dos países, procuramos abordá-las também e, dentro dessa proposta, tratamos da regionalidade, de suas culturas e tradições. As apresentações surgiram a partir daí. A Educação Física se preocupa com a expressão através do corpo, que é a cultura do movimento. Pegamos o que havia na região, fazendo menção às suas características ou destacando os países que por lá se apresentaram e desenvolvemos coreografias”, conta. Os professores de Língua Portuguesa incluíram o tema do projeto às atividades de sala de aula. “Os alunos se apresentaram nas classes, desenvolvendo a comunicação oral e perdendo a inibição de falar em público”, salienta a professora Rosineide Pacífico. Ao todo, 29 turmas, envolvendo os três turnos do Ensino

Médio, participaram do projeto. A diretora-geral Simone Marques comemora o resultado positivo alcançado. “O envolvimento de toda a comunidade escolar deve ser ressaltado. O trabalho de equipe proporcionou uma culminância em que o processo de aquisição do conhecimento ficou patente. Foi emocionante assistir as apresentações, fruto do trabalho deles. Tudo o que foi feito em sala de aula, os cansativos ensaios, as orientações. Tudo nos emociona”, completa. A diretora adjunta Maria Clara Kurka de Matos também tem motivos para comemorar. Ainda nos anos 1990, foi ela a responsável por trazer para a escola a proposta de trabalhar com projetos. A ideia foi bem recebida pelos educadores da época e, até hoje, ano a ano, ela continua sendo colocada em prática com enorme sucesso. “Todas as etapas são fotografadas, filmadas e os alunos preenchem fichas de avaliação. A cada projeto os alunos ganham mais conhecimento, mais conscientização e mais cidadania”, finaliza. ■



Com intuito de agregar conteúdos, cada apresentação fazia menção a um país, onde foram tratadas a regionalidade, suas culturas e tradições



Colégio Estadual Francisco Assumpção
Rua João Ferreira Pinto, s/nº – Ponto Chic –
Nova Iguaçu/RJ
CEP: 26030-520
Tel.: (21) 2658-3622
E-mail: cefa1@ig.com.br
Diretora-geral: Simone Marques do Nascimento
Fotos: Comunicação



Juventude Solidária

Appai apoia programa do Hemorio em que jovens se comprometem a fazer de 20 a 25 doações de sangue até os 25 anos

Doar sangue é um ato simples e seguro, que não provoca risco ou prejuízo à saúde. Segundo dados do Hemorio, se cada pessoa saudável doasse sangue espontaneamente pelo menos duas vezes ao ano, os Hemocentros estariam com seus estoques abastecidos de modo suficiente para atender toda a população. Por isso, a doação espontânea e periódica é fundamental. Sabendo da importância da doação de sangue, a Appai, através do Programa de Projetos e Ações Sociais (PPAS), apoia o Hemorio, mobilizando seus funcionários através de campanhas internas e investindo recursos em ações do Hemorio.

Um dos programas oferecidos pela instituição é o Clube 25, que desenvolve ações para favorecer o aumento gradativo de doações por parte do segmento jovem, com o objetivo de fidelizar os jovens doadores de sangue. O público-alvo são pessoas, com idade a partir dos 18 anos, que se comprometem a aderir ao programa até completarem os 25 anos e a continuar doando um mínimo de duas vezes ao ano, no caso das mulheres, e três doações, para os homens. Assim, a finalidade é que, ao chegarem aos 25 anos, tenham efetuado de 20 a 25 doações.

As atividades educacionais do programa visam, além da sensibilização sobre a importância da doação de sangue, a promoção à saúde através do trabalho sobre conteúdos mais relevantes entre a população jovem, que muitas vezes impactam a viabilidade da doação e a fidelização dos candidatos.

Como reconhecimento a esses jovens que participam do programa, acontece uma premiação anual, que esse ano contou com dinâmicas e palestras sobre o programa e também abordando temas afins, como o Hemorio e as DSTs (doenças sexualmente transmissíveis). Os convidados também assistiram depoimentos de pacientes, que explicaram a importância da



Os jovens do Clube 25 receberam o certificado de participação e, abaixo, Ely Rodrigo Santos ganhou medalha por suas 25 doações



Hemorio
Rua Frei Caneca, 8 – Centro –
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20211-030
Tel.: (21) 2332-8611
Site: www.hemorio.rj.gov.br
Fotos: Comunicação

doação de sangue. O final do evento foi marcado pela entrega dos certificados e medalhas, que são dadas de acordo com a quantidade de doações feitas. Além disso, foram realizados sorteios de brindes e oferecido um *coffee break*. Segundo Simone Ramos, responsável pelo Clube 25, o intuito da premiação é incentivar para que o jovem, após realizar a primeira doação, volte outras vezes e conscientizá-lo quanto à importância da doação de sangue.

Na plateia, além dos participantes do Clube 25, estava um grupo do Ver-Sus (Vivências e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde do Brasil), um projeto do ministério da saúde. O estudante de Gestão Pública e facilitador (representante) do grupo, Vinicius Zeferimo, explica que o intuito do Ver-Sus é que todos os estudantes universitários, de qualquer área, possam ter contato com a realidade do SUS, não apenas conhecimento teórico, mas também experiência prática.

Uma das responsáveis pelo PPAS, Simone Braga, explica que a Appai considera de extrema importância ampliar a conscientização da sociedade para a questão de apoiar a “vida”. “Além do incentivo à doação de sangue, com a parceria do Hemorio, onde já apoiávamos o Programa Jovem Salva Vidas, voltado para o trabalho com as escolas, ter a oportunidade de estender o apoio através do Clube 25, que trabalha com estudantes universitários, é muito gratificante”, explica. Ela lembra ainda a frase dita por Neusimar Carvalho, chefe do setor de Promoção de Doação de Sangue, durante o evento: “Podemos agendar a doação, porém não escolhemos a hora em que necessitaremos dela”, afirma.

Colaboração: Jéssica Almeida



Educação para a paz

Ecologia – um caminho para o bem viver

Claudia Sanches

Amizade, generosidade, viver bem na família e no trabalho. Tudo isso pode e deve ser aprendido nos bancos escolares



Transformar dificuldades em soluções e preparar o jovem para a vida. Esses são alguns dos principais desafios do Colégio Eduardo Guimarães ao longo do seu trabalho com inclusão. Segundo a psicopedagoga Clara Rosa Werner, o projeto pedagógico da escola, *Educação inclusiva, uma educação possível*, que possui essa perspectiva há mais de 40 anos, tem como meta o preparo da pessoa com deficiência para o mercado de trabalho. “O colégio, filiado à Unesco pela iniciativa pioneira que realiza, foi progredindo a partir da demanda. Primeiro recebíamos crianças na Educação Infantil e Ensino Fundamental, mas à medida que eles foram crescendo surgiu a necessidade do Ensino Médio, o que implicou apostar na formação de uma mão de obra”, explica Clara.

A arte de viver o conflito através da ótica da paz

Amizade, generosidade, viver bem na família e no trabalho. Tudo isso pode e deve ser aprendido nos bancos escolares. Para isso, o colégio criou o programa “Educação para a paz”, cujo objetivo é formar cidadãos autônomos que possam exercer sua cidadania. Clara explica que essa teoria é baseada em alguns pilares, como aprender a aprender, aprender a ser, aprender a fazer e aprender a conviver. “Somos todos construtores da paz. Todas as regras da escola são construídas dentro dos chamados ‘espaços de convivência’, através de atividades variadas, como resoluções de situações-problema e conflitos. Precisamos conscientizar a comunidade escolar no sentido de diminuir o preconceito na sociedade com o ‘diferente’, e utilizamos nossas estratégias para isso. Realizamos um projeto baseado nos 3 Cs, que significam conquistas, compromissos e consequências”.

Esse projeto, inspirado nas atividades do Sesi de Brasília, recebe os alunos para trabalhar na empresa. A equipe criou o Contrato de Convivência, que é produzido pelos próprios estudantes de forma democrática. Eles

participam de cursos de capacitação e fazem estágio através do TEC – Trabalho de Ética e Cidadania. Com a lei de cotas para inserção de pessoas com deficiência no mercado, a escola também é procurada pelas empresas e organizações para incluir esses alunos nos seus quadros de funcionários. “Eles constroem essas normas e assumem o compromisso e as suas consequências. Por exemplo, os alunos queriam um uniforme *fashion*, então bolaram um modelo que foi aprovado”. Assim se comprometem a manter a escola limpa e o respeito às

Na prática a educação para a paz se faz através de atividades diárias e a partir de situações do cotidiano





Com a poesia "Vida", de Madre Teresa de Calcutá, os grupos leem e conversam sobre várias questões, como homofobia, religião, preconceitos e atitudes

leis. Briga no futebol é um bom exemplo: se há um desrespeito também existem as penalidades. "O *bullying* surge das dificuldades de autoaceitação. A sociedade não é para todos? Então precisamos incluir e aprender a conviver, e começamos pelo conhecimento dessas crianças e jovens".

A Light também é parceira dessa empreitada com o projeto *Iluminar* e trabalha há dois anos com pessoas com deficiência intelectual e cognitiva. Os jovens têm quatro horas de trabalho em que trazem um *feedback* muito bom para a aprendizagem. Através desses esforços o aluno é sensibilizado para ser bem-sucedido no mercado, aprende como fazer um currículo, como se comportar de forma adequada, como lidar com os conflitos, através da "dose maciça de paz".

Clara Rosa explica que o projeto *Construção da Paz* se organiza a partir de três princípios e requer uma mudança de olhar e de paradigma. A equipe pedagógica conheceu a tese de educadores franceses, um trabalho apoiado na cultura da paz e da não-violência: "A Ecologia pessoal é como eu me vejo, como o outro me vê e como eu gostaria que o outro me visse; é uma forma de conhecer a clientela, para poder trabalhar as necessidades específicas de cada um. Uma criança insegura morde porque está sentindo fragilidade, por exemplo, enquanto uma pessoa agressiva revela alguma questão de insegurança. Ecologia pessoal é você estar de bem com você mesmo. Reconheço minhas limitações e meus dons, o que é ótimo para conhecer o alunado e trabalhar as suas habilidades e talentos. A Ecologia Social é a melhor forma de eu me relacionar com

o outro, e a Ecologia Ambiental é o modo pelo qual nos relacionamos com a terra em que pisamos. Começamos a tratar dela através de questões como: Como é seu armário? Como é seu quarto?".

A ideia é sensibilizar os alunos a se doarem. A Ecologia Pessoal e Social, por exemplo, é ensinada através de uma visita a um asilo de idosos e crianças, realizada pelos estudantes. Eles foram à Casa João Evangelista, organizaram uma biblioteca e contaram histórias para as crianças da instituição. O ex-aluno Ricardo Costa, que se formou no colégio como bolsista, criou, na comunidade Santa Marta onde morava, o ECO Museu e montou a biblioteca da instituição com o acervo arrecadado pelos alunos.

Na prática a educação para a paz se faz através de atividades diárias e a partir de situações do cotidiano. Todos os dias, antes de começarem as aulas, os alunos se reúnem para definir seu dia e construir sua rotina. Outra dinâmica é sentar em grupo no chão e conversar sobre os costumes indígenas com o Kaká Werá, mestre da Unipaz, que pertence a uma tribo indígena do Brasil, e passa suas tradições de respeito ao próximo e à Terra. Outra atividade é a leitura da "Carta ao Inquilino", que fala sobre a conscientização em relação à preservação do planeta. Com a poesia se faz um jogral, uma interpretação, uma conscientização. Os



Os estudantes também refletem sobre o modo de a tribo indígena ver a paz, baseada em sete conceitos

estudantes também praticam uma reflexão sobre o modo de a tribo indígena ver a paz, baseada em sete conceitos. Com a poesia "Vida", de Madre Teresa de Calcutá, os grupos leem e conversam sobre várias questões, como homofobia, religião, preconceitos e atitudes. Vale lembrar que o colégio trabalha com terminalidades, mas com o nível em que cada criança se encontra, e não com seriação.

Esse ano o projeto pedagógico é *Agricultura familiar*. Os estudantes estão explorando a sociedade através da agricultura, vendo a questão do apego/desapego, ações solidárias, como as campanhas do agasalho e dos livros, e o Espaço de Troca e debate, uma acolhida antes de entrar nas salas. Os trabalhos são realizados cada dia por um professor de uma disciplina e fazem adaptações de temas variados voltados para o bem-estar. Os educadores estão trabalhando com o calendário da Unesco, e 2014 é o Ano Internacional da Agricultura Familiar. Atualmente estão atuando sob inspiração do livro "Ciência da Felicidade", da psicóloga Senja Lyubomirsky.

Segundo Clara, todo o trabalho envolve metodologia de arte-educação. O esporte também é uma ferramenta para desenvolver os dons e regulamentos. Além disso, os educadores estão utilizando conceitos da recente teoria da inteligência espiritual, que abre os horizontes e torna as

pessoas mais criativas, dando sentido às buscas de cada ser humano. "Todo o nosso trabalho prioriza os dons de cada um, dando ênfase à eficiência e não à deficiência. Temos meninos com síndrome de Down que estão participando de torneios internacionais. Nosso objetivo é transformar dificuldades em oportunidades, e acredito que isso valha pra todo mundo, e não só para as crianças com deficiência. Educação é mais que aprender a ler e contar, é preparar o indivíduo para o mundo, a fim de que ele possa vê-lo, julgá-lo e transformá-lo".

Colégio Eduardo Guimarães
Rua Mena Barreto, 71 - Botafogo - Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22271-100
Tel.: (21) 2286-4946
E-mail: colegioeg@gmail.com
Direção: Clara Rosa Werner
Fotos cedidas pela escola



Jogo sobre imunologia agrada alunos do ensino médio técnico

Sandra Martins

Para que seus alunos compreendessem as teorias referentes às reações imunológicas do indivíduo e sua aplicação nas técnicas de imunodiagnóstico, a professora Flávia Coelho Ribeiro, da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz), criou um jogo pedagógico sobre o conteúdo da disciplina de imunologia – que estuda as células e os órgãos e sua interação no sistema imunológico. É o “Imunoreal”, um jogo de perguntas e respostas, com 40 cartas, cada uma contendo uma questão e cinco alternativas.

Professora de Imunologia desde 2008, do Curso de Nível Médio em Saúde na habilitação de Análises Clínicas, Flávia afirmou que o conteúdo de sua disciplina é muito complexo. O aluno, que até então tinha tido aulas de Biologia, Física e Química, terá que compreender conceitos teóricos, para ele abstratos, de como o indivíduo responde imunologicamente a uma infecção.

A dinâmica do jogo é simples. A turma é dividida em equipes e cada uma escolhe um nome – Epítomos, Saindo do Ninfonodo, Oi Moi, Célula Linfócito, etc. Em seguida é sorteada a sequência das rodadas e um integrante do grupo escolhe a carta. A professora lê a questão e as respostas. O aluno diz se vai responder sozinho e, se acertar, ganha dois imunoreais. Se houver dúvida e ficar inseguro, pode perguntar aos demais integrantes. O acerto renderá ao grupo um imunoreal. Detalhe: quem vai dizer se a resposta está certa não é a professora, mas os próprios estudantes. Eles são estimulados a argumentar e a confirmar ou não se a resposta procede. De acordo com Flávia, o aluno é desafiado a superar seus próprios limites, pois desenvolve o processo de apreensão do conteúdo de forma lúdica. Da mesma maneira, o jogo promove o trabalho em equipe e a competitividade pela ampliação do conhecimento.

O jogo vai ao encontro da proposta da disciplina, que é propiciar ao aluno a aquisição de conhecimento sobre o sistema imunológico e a função de seus componentes, assim como a sua aplicação no diagnóstico. Ajuda também a interpretar e analisar criticamente os resultados obtidos, permitindo a resolução de problemas



Na hora do jogo, a turma é dividida em equipes e o aluno diz se vai responder sozinho ou com os demais integrantes. Se ele responder sozinho, ganha dois imunoreais

junto à técnica realizada. Ou seja, permite a compreensão dos fundamentos de técnicas e não apenas a sua execução de maneira pragmática. Busca-se desencadear o processo de desenvolvimento do trabalho manual juntamente com a atividade intelectual. “Esse fato leva à formação de um indivíduo crítico, capaz de interpretar seus resultados e analisar o seu processo de trabalho, a fim de identificar e corrigir possíveis erros ocorridos durante o processo. Além disso, tendo o trabalho como princípio educativo, ele pode intervir junto à sociedade”, ressaltou a professora ao reforçar a preocupação da ESPVJ de formar um indivíduo questionador, capaz de realizar intervenções como, por exemplo, no caso de um equipamento quebrar, quando o técnico poderá dar continuidade ao seu trabalho e identificar o erro. “É muito importante que o aluno compreenda o fundamento do que está trabalhando e ter consciência de que poderá mudar seu meio: caso contrário rapidamente será substituído por uma máquina”, continua.

O curso de 60 horas contém procedimentos metodológicos, e a professora se utiliza de aulas expositivas privilegiando a troca de conhecimento com os alunos, atividades práticas no laboratório, jogos didáticos e apresentação de seminário em grupo. “Após oferecer uma visão geral sobre a matéria, falo sobre vacina e explico sobre qual a diferença dela para soro, abordo as respostas imunológicas inatas e adquiridas, apresento o sistema imunogeral das células – o que são as células, os órgãos linfoides e a importância de cada um. Tento mostrar mil maneiras, com estratégias mirabolantes para facilitar o aprendizado, inclusive criando histórias cujo enredo é de fácil assimilação para os alunos”. Tais histórias, em geral, estão relacionadas com o cotidiano dos centros urbanos atuais. Por exemplo, a que trata dos mecanismos de escapes, de como os microorganismos

conseguem fugir do sistema imunológico. “Eu acho que os traficantes deram aula para que conseguissem despistar a polícia, porque eles enganam o sistema imunológico. Quando o microorganismo percebe que vai ser aniquilado pelo sistema imunológico, ele muda completamente sua estratégia, para não morrer. É graças a esses mecanismos de escapes que ficamos doentes. Se ele não fizesse isso para tentar desesperadamente sobreviver, nós não teríamos doenças. O vírus da gripe, por exemplo, altera sempre sua superfície. Esta mudança faz com que tomemos a vacina para essa doença todo ano”.

Para não esquecer o percurso da inflamação, ela contou a seguinte historinha. Era uma vez uma célula no vaso sanguíneo, ou melhor, andando numa rua. Você (célula) escuta um som (Qual o som que gostam? É um *show*?). Você ouve e gosta. Mas sabe que precisa seguir. A célula faz o mesmo. Ela diminui a velocidade, rola, para... e segue. “Então, na hora de lembrar sobre a inflamação eles vão se remeter à história do *show*”.

Outra estratégia para estimular a participação dos alunos é a promoção de debates sem valer pontos. “Desta forma, trabalhamos os conceitos e evitam-se as faltas, pois só temos oito aulas de conceitos teóricos, com três horas de duração. Eles sabem que a disciplina é muito complexa. Quem faltar, mesmo numa única ocasião, corre o risco de ficar perdido, já que o conteúdo é encadeado. Os alunos dispõem de livros da escola – Conceitos e Métodos de todas as disciplinas –, além de um que é adotado nas faculdades: “Imunologia celular e molecular”.

Cassiana e Murillo, ambos de 18 anos, afirmam que não só o jogo os ajuda a assimilar os conteúdos, mas a forma como Flávia ministra as aulas faz com que a matéria não pese tanto. “Ela inventa personagens, criou o jogo imuno-



Se houver dúvida e ficar inseguro, o aluno pode perguntar aos demais integrantes. O acerto renderá ao grupo um imunoreal. Abaixo, a professora Flávia Coelho



real e conta histórias muito divertidas”. Uma delas é a que se refere à imunologia: “Você tem uma infecção e, para se defender, tem que produzir uma resposta, que pode ser: a imunidade inata, a imunidade humoral (anticorpos) ou a imunidade celular (células matrófagas e nitrófagas). As diversas células interagem entre si. Eu falo com os meninos que são como uma orquestra, em que cada uma tem que estar em seu lugar na hora certa e todo mundo tocando junto. Acontece tudo ao mesmo tempo, mas cada um na sua função, sem misturas, caso contrário dá muita confusão”.

Apaixonada pela docência, Flávia, após terminar seu doutorado em Pesquisas Clínicas de Doenças Infecciosas, fez licenciatura em Ciências Biológicas e especialização em Docência em Educação Profissional em Saúde na EPSJV. Neste último curso, procurou trabalhar jogos em sala de aula como estratégia didática. Em sua monografia, ela discutiu as influências externas no desenvolvimento cognitivo nos dias atuais, com a crescente e forte influência dos meios eletrônicos – *smartphone*, *tablet*, jogos eletrônicos, internet – que comprometem a atenção das crianças e adolescentes potencializando a dispersão. “É um desafio para o professor lecionar hoje, manter um controle em sua sala. Eu, por exemplo, sou rigorosa: na minha aula não quero eletrônicos. Temos que tentar criar estratégias para atrair a esses meninos para que prestem atenção em você”.

Mesmo com todo o trabalho desenvolvido com jogos, avaliação ainda é um bicho-papão para os alunos. Tanto que mesmo superpreparados, com a matéria na “ponta da língua”, os jovens se sentiram inseguros para fazerem a prova. Pediram mais uma revisão do conteúdo de toda a matéria – antígeno, anticorpo, célula dendrítica. A professora ficou surpresa e disse que não precisavam disso, pois os conceitos haviam sido internalizados e naturalizados na fala deles. Sem querer adiar a prova, e entendendo que os alunos estavam preparados, mas inseguros, ela decidiu na hora adotar uma estratégia. Dizendo-se cansada e desmotivada, colocou várias questões no quadro e começou a perguntar quem sabia sobre os pontos apresentados. As duplas se apresentavam e os colegas faziam esclarecimentos tirando possíveis dúvidas. “Foi lindo, eles desenharam, explicaram, interagiram. E eu só olhando. Se eu visse que o aluno estava explicando algo errado, parava e perguntava: ‘Peráí, tá certo isso aqui que ele fez? Não, professora. Então vai lá’. Eles explicando, dando aula, até os que não queriam nada participaram. Dos 26 alunos da turma, 17 foram lá na frente explicar. E quando chegou o dia da avaliação

eles olharam a prova – que estava longa, com 11 questões discursivas, de múltipla escolha e de relacione, das quais eles poderiam escolher seis – e disseram espantados: 'Professora, nós pensamos que fosse mais complicado. Mas não é que não estivesse difícil, é que eles estudaram. E foram superbem'', confidenciou orgulhosa.

Como a proposta do Imunoreal, inicialmente, era uma revisão do conteúdo da matéria e, como dito acima, bastante complexa, a professora busca analisar se suas estratégias estão dando certo, não só com o acompanhamento das notas, mas também sobre o que pensam os alunos sobre aquela determinada possibilidade pedagógica. Para isso, a docente criou um questionário, respondido pelos estudantes, cujas respostas foram transpostas para uma planilha para ser analisada. Entre as perguntas: Você gostou? Por quê? Entre as respostas: "Porque aumentou o meu conhecimento"; "Comecei a ver que sabia"; "Comecei a me autoavaliar". Eles dizem que foi dinâmico, interativo. Com o jogo, a atenção sobre uma informação foi despertada. Para a pergunta "Foi legal trabalhar em equipe?", as respostas mais comuns foram: "Foi legal porque houve interação"; "Aprendi com outro, um cooperou com o outro"; "Trabalhar em equipe é importante porque ninguém consegue nada sozinho" etc.

Nas respostas, os alunos sinalizaram que o jogo também poderia ser levado para outras disciplinas e também poderia ser desenvolvido outro jogo multidisciplinar. Esta, inclusive, é uma proposta em gestação no Latec – Laboratório de Educação Profissional em Técnicas Laboratoriais em Saúde –, que promove atividades de ensino, pesquisa científica e desenvolvimento tecnológico em educação profissional em temas ligados às atividades laboratoriais na área da saúde, à qual Flávia está vinculada. A ideia é que o jogo agregue

conteúdo das oito disciplinas do curso de Análises Clínicas: Hematologia, Biologia Molecular, Histologia, Parasitologia, Bacteriologia, Fluidos Corporais, Imunologia e Virologia, na perspectiva de biossegurança. Na concepção de Flávia, este jogo seria uma grande revisão para o último ano de formação do curso, antes de os alunos irem para o estágio.

Enquanto não se forma um grupo para pesquisar, analisar, desenvolver artigos sobre a criação de jogos didáticos para os conteúdos do curso técnico, tendo a sala de aula como um grande laboratório, a professora vai desenvolvendo outras propostas de jogos. Como o "Ulcerá?", com regras semelhantes às do jogo de baralho conhecido como Buraco. "O Buraco é uma úlcera, daí o nome do jogo ser grafado com 'c'. O conceito é sempre de imunologia. Criei uma logo, desenhei as 52 cartas e construí o protótipo. Emprestei para os alunos, que adoraram. Gostaram tanto que sempre os via jogando nos corredores da Escola Politécnica. Este protótipo se perdeu, mas a experiência foi excelente e me impulsionou a pesquisar mais e desenvolver este jogo, que tenho o sonho de que seja distribuído para as escolas públicas".

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio / Fiocruz
Laboratório de Educação Profissional em Técnicas Laboratoriais em Saúde
Av. Brasil, 4.365 – Manguinhos – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21040-360
Tel.: (21) 3865-9784
E-mail: fcribeiro@fiocruz.br
Professora responsável: Flávia Coelho Ribeiro
Fotos cedidas pela escola



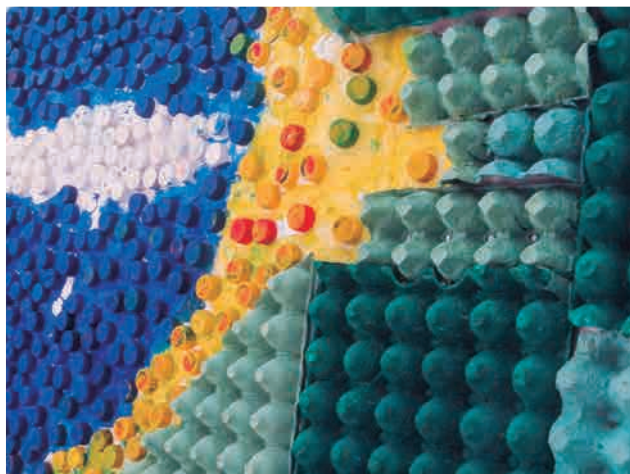
Recicla **mais,** meu **Brasil**

Tony Carvalho

Os símbolos nacionais são manifestações de importante valor histórico, criados para transmitir o sentimento de união nacional e mostrar a soberania do país. Em São João do Meriti, dez escolas municipais participaram de um concurso que uniu criatividade, reciclagem e um dos símbolos nacionais: a bandeira. O concurso *Recicla mais, meu Brasil* foi promovido pelo *shopping* Grande Rio, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, e envolveu alunos do Fundamental, que utilizaram CDs usados, papelão, caixas de ovos, garrafas *pet*, jornais e muita criatividade para construir as peças.

Cada escola participante produziu uma bandeira customizada, seguindo os requisitos de criatividade, adequação ao tema proposto, aplicação e utilização de materiais 100% recicláveis, obedecendo ao tamanho oficial de 2m x 1,40m. Após as etapas de inscrição, execução e escolha das bandeiras, uma comissão julgadora, representada por um membro da Secretaria Municipal de Educação e outro do *shopping* Grande Rio, visitou as escolas inscritas no concurso. Em seguida, as bandeiras finalistas foram submetidas a voto popular no próprio *shopping*. Em apenas 20 dias, mais de dois milhões de votos foram computados. A escola vencedora ganhou um *kit* especial que premiou os alunos com material esportivo completo, incluindo bolas, aro oficial de basquete, rede oficial de vôlei, mesas de pebolim e de tênis e um conjunto de coletes de futebol. Já o professor responsável foi contemplado com um *tablet*.

A Escola Municipal Unidade Integrada 1º grau foi a vencedora, com 1.153.101 votos. Segundo a gerente de *marketing* do *shopping* Grande Rio, Vanessa Mourão, o objetivo do projeto foi reforçar a preocupação com as questões socioambientais e também contagiar os clientes. "Identificamos uma ótima oportunidade de unir arte e aprendizado de uma maneira criativa, sustentável e lúdica. Os alunos assimilaram de forma divertida e ainda puderam exibir os seus trabalhos para o público através da votação no *shopping*", conta Vanessa. Ao visitar as escolas, a assistente de *marketing* Janaina Araújo ficou impressionada com o envolvimento dos alunos e da direção das escolas. "Vimos pessoas emocionadas entregando os trabalhos como verdadeiros tesouros, o





que na verdade eram, já que os estudantes dedicaram tempo extracurricular para produzi-los. Esse é o maior retorno que a gente pode ter”, completa.

Aline Togi é professora da rede estadual e, ao passear pelo *shopping*, viu a exposição, observou cada bandeira e fez a sua escolha. “Como educadora, considero bastante interessante as escolas desenvolverem projetos e atividades com materiais recicláveis para realizar uma exposição como essa. Todas estão muito bonitas, mas votei na bandeira do Ciep 138, que me chamou atenção pela criatividade de confeccionar rosas em papel, pintá-las e, depois, uni-las para montar a bandeira”, declara.

Michele Costa, mãe de duas crianças, se deparou com a exposição e ficou encantada com a criatividade dos alunos. “Fico muito feliz quando vejo projetos como esse. Meus dois filhos ainda estão na Educação Infantil, mas sei o quanto é importante que, desde pequena, a criança aprenda a respeitar o meio ambiente”, afirma. Depois de ver as dez bandeiras, Michele decidiu votar no Ciep 180, que utilizou CDs para construir a sua. Rodrigo Torres é aluno de uma escola municipal de São João de Meriti que não participou do projeto. Quando soube da exposição, ele fez questão de vir conferir os trabalhos. “Vim ao *shopping* exclusivamente para ver essa exposição. Gosto muito de artes plásticas, principalmente as que envolvem material reciclável. Todas as bandeiras estão lindas e dá para perceber o quanto os alunos se dedicaram. Espero que no próximo concurso a minha escola também participe”, afirma.

Escolas envolvidas no projeto

Escola Municipal Unidade Integrada 1º Grau

Ciep 180

Escola Municipal Aderito Gomes Gouveia

Ciep 278

Ciep 138

Escola Municipal Casimiro de Abreu

Escola Municipal Dr. Getúlio de Moura

Escola Municipal Francisco Agostinho da Costa

Escola Municipal Milton Rodrigues Pereira

Escola Municipal Henfil, Chico e Betinho

Secretaria Municipal de Educação
Rua Afonso Cavalcanti, 455 – Cidade Nova
– Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20211-110
Tels.: (21) 2503-2000 / 2273-2644
Site: www.rio.rj.gov.br
Fotos: Comunicação



Brinquedos reciclados



Através da diversão, crianças aprendem sobre a preservação do planeta

Garrafas *pet*, caixas de fósforo e de leite. Esses foram os materiais usados para confecção de diversos brinquedos na E. M. Marinete Cavalcante de Oliveira, em Nova Iguaçu. O projeto, intitulado de *Reciclagem e Meio Ambiente*, teve como objetivo a conscientização dos alunos do 1º ao 3º anos do Ensino Fundamental em relação à preservação do meio ambiente.

A iniciativa, desenvolvida pelas professoras Erica Cristian, Flávia Mattos, Rita de Cássia Fernandes e Mônica Resino, se justifica pela necessidade de criar, nos alunos e em suas respectivas famílias, hábitos de reciclagem de lixo e desenvolver uma consciência de responsabilidade pela preservação do planeta. “Começando pelo próprio bairro onde moram, que sofre com as enchentes provocadas pelas chuvas devido ao descarte de lixo, principalmente de garrafa *pet*, nos rios e canais da região”, justificam as docentes. Em resumo, o intuito é educar o estudante para uma boa convivência com o meio ambiente, despertar o interesse pela reciclagem e chamar atenção para o problema com o destino do lixo.

Em sala de aula, os estudantes aprenderam sobre o significado da reciclagem e os materiais que podiam ser reutilizados. Com isso, foi feita a escolha do que seria usado no projeto, como garrafas *pet*, caixas de fósforo e de leite, entre outros. Logo em seguida, com o que foi arrecadado por professores e alunos, passou-se à confecção de vários brinquedos, como o vai e vem, cai não cai, jogo da velha, dominó de caixas de fósforo vazias e trilha de círculos de papel.



Durante o projeto, os alunos confeccionaram diversos brinquedos empregando materiais reciclados



A culminância do projeto contou com a exposição dos brinquedos e cartazes feitos pelos pequenos



Já os brinquedos de execução mais difícil, como o jacaré, a cobra, os carrinhos e o dado de caixas de leite vazias, ficaram a cargo dos professores, enquanto os alunos observavam.

Além da reciclagem, outros temas foram trabalhados. Entre eles: “O cuidado com o meio ambiente”, “As doenças e o lixo” e “Jogar lixo no lixo”. As professoras responsáveis pelo projeto acreditam que preservar o meio ambiente e o patrimônio escolar é uma forma de melhorar a própria qualidade de vida.

A culminância contou com a exposição dos brinquedos e cartazes confeccionados pelos alunos durante o projeto. Além disso, os pequenos participaram da “Hora da Brincadeira”, um momento onde cada turma pode brincar e descobrir como reutilizar e transformar o lixo em coisas interessantes.

A professora Rita de Cássia conta que já é possível perceber mudanças positivas em sala de aula. “Notamos uma melhora na conscientização dos alunos com a limpeza do ambiente escolar e o reconhecimento da necessidade de reciclar determinados materiais para preservação do meio ambiente, bem como a importância de não descartar nada nos rios e canais da região”, explica.

Colaboração: Jéssica Almeida

E. M. Marinete Cavalcante de Oliveira
Rua Irene, 77 – Comendador Soares – Nova
Iguaçu/RJ
CEP: 26276-370
Tel.: (21) 3103-0522
E-mail: em.marinetecavalcante@gmail.com
Fotos cedidas pela escola



Redescobrimo o Brasil

Tony Carvalho



A culminância do projeto contou com a exposição dos trabalhos confeccionados baseados no princípio da sustentabilidade, usando a reciclagem como modelo a ser seguido por todos

O Brasil é um dos países mais conhecidos no mundo pelo seu potencial em turismo. Em suas cinco regiões, encontramos serras, rios, cachoeiras, praias, reservas ambientais, grutas, trilhas, dentre outros elementos paisagísticos. E foi com o objetivo de destacar todo esse potencial que as turmas da Nova EJA do Colégio Estadual Marechal Zenóbio da Costa, em Nilópolis, concluíram o terceiro módulo do curso com a exposição do projeto *Brasil – Ecoturismo: belezas naturais e sustentabilidade*.

O projeto foi coordenado por dois professores: Lourdes Correia, de Geografia, com a qual os alunos realizaram uma pesquisa sobre o ecoturismo brasileiro, fazendo um levantamento imagético por estados e regiões do país; e Fábio José, de Língua Portuguesa, que orientou uma pesquisa na parte literária produzida a partir da observação da natureza e das paisagens do Brasil, além de mensagens de poetas famosos, destacando a importância da preservação do meio ambiente, como forma de preservação para as futuras gerações. O trabalho resultou na confecção de painéis, baseados no princípio da sustentabilidade, usando a reciclagem como modelo a ser seguido por todos. Papel jornal, cola, tesoura, filtro de papel usado em cafeteiras e verniz foram alguns dos materiais utilizados.

Além da exposição dos trabalhos produzidos, as turmas recitaram poemas e, em coro, cantaram as músicas “O sal da Terra”, de Beto Guedes, e “Rio de Janeiro”, de Ary Barroso. “Muito mais do que a pesquisa, o objetivo principal foi mostrar aos brasileiros o seu Brasil, com todas as suas nuances, biodiversidades, belezas e riquezas naturais. A escola é o espaço da construção do conhecimento como base da sua formação. A responsabilidade social da escola é promover a integração entre teoria e prática, com o propósito da formação cidadã de cada um de seus alunos. Desenvolver projetos que não só marquem a vida dos estudantes que pesquisaram, como permitam compartilhar o conhecimento entre a comunidade escolar, como referencial acadêmico e dinamismo em seu espaço escolar. Mostrar uma escola viva, onde o processo ensino-aprendizagem seja a linha base para a construção de um grande país”, justifica a professora Lourdes.

Nas aulas de Língua Portuguesa, o professor Fábio José utilizou, como um texto desencadeador do trabalho, o poema “Canção do exílio”,



Desenvolvido com as turmas da Nova EJA, o projeto foi coordenado pelos professores de Geografia e de Língua Portuguesa

de Gonçalves Dias, cuja temática é própria da primeira fase do Romantismo brasileiro, em que se mesclam nostalgia e nacionalismo. "A partir dessa poesia, muitas outras foram feitas. O romantismo teve como ideologia enaltecer o seu local. Era o chamado bucolismo, característico desse período, mas também presente em outras escolas literárias", afirma Fábio.

Durante a exposição, a diretora adjunta Márcia Brahim aproveitou para parabenizar alunos e professores envolvidos no projeto. "Eles fizeram um trabalho lindo, que uniu meio ambiente com cultura. Ao final do ano, esses alunos concluirão o curso, que representará o final de uma etapa, mas que ela não seja a última", declarou. A aluna Viviane Barros é uma das alunas que pretendem seguir adiante. Ela quer continuar estudando e realizar o sonho de tornar médica. Andreza Gabriele Teixeira também quer fazer uma faculdade, embora ainda não tenha se decidido por qual carreira seguir. Rodrigo Carlos faz questão de agradecer a esposa. "Foi ela quem me matriculou e me incentivou a frequentar esse curso. Quando concluí-lo, pretendo fazer um curso técnico", diz.

Para o aluno Assuique Cavalcanti, 44 anos, muitas coisas marcaram o projeto. "É gratificante ver três turmas se juntando num só objetivo. Também foi um grande desafio e cada um se superou para vencer o cansaço de um dia de trabalho e, à noite, vir estudar", declara. Renato Gonçalves completa: "O projeto foi muito bom porque não se trata apenas de entrar na escola, adquirir o conhecimento e sair. Ao participar de um trabalho desse você começa a conhecer cada um daqueles que estão ao seu lado nessa caminhada. São coisas que vou contar para os meus netos".

Colégio Estadual Marechal Zenóbio da Costa
Rua João Rodrigues da Cunha, 195 –
Olinda – Nilópolis/RJ
CEP: 26510-056
Tels.: (21) 2791-1408 / 2693-3135
E-mail: cemzc@ig.com.br
Direção-geral: Anderson Roberto
Fotos: Comunicação / cedidas pela escola

25º GRANDE BAILE

BENEFICENTE DOS ASSOCIADOS DA APPAI

"VEM AÍ O 25º GRANDE BAILE APPAI"

RIBALTA EVENTOS
29/11/2014

DAS 19 ÀS 24 HORAS
Av. das Américas, 9.650
Barra da Tijuca

Já está liberada a
retirada do Convite



Desconstruindo preconceitos



Tony Carvalho

Estudar a história não é apenas conhecer e entender os caminhos trilhados no passado, mas realizar uma leitura crítica do nosso presente, compreendendo a forma como a sociedade se encontra constituída atualmente. No contexto nacional, a cultura afrodescendente foi inserida na formação do nosso povo com importantes contribuições no vocabulário, nos costumes, nas danças, na música e entre outros tantos aspectos enraizados em nosso cotidiano.

No Colégio Estadual Marechal Zenóbio da Costa, em Nilópolis, os alunos do 1º ano da Nova EJA tiveram a oportunidade de observar a imensa ligação do continente africano com a formação do povo brasileiro, ao longo da história, através do projeto *Valorização da cultura negra: riqueza de nossas raízes*. A atividade foi elaborada pelos professores Lourdes Correa, de Geografia; Fábio José, de Língua Portuguesa;

Lázara Carvalhal, de História; Carla Aveiro, de Sociologia e Filosofia; e Antonio Risik, de Matemática. Os alunos estiveram engajados no projeto durante três meses, buscando desenvolver as habilidades de pesquisa, análise e síntese de dados históricos, geográficos e artísticos. Eles tiveram como atividade motivadora uma sessão de cinema com os filmes “Quase Deuses” (lançado em 2004 e dirigido por Joseph Sargent) e “Hotel Ruanda” (do mesmo ano, com direção de Terry George). O primeiro mostra as dificuldades enfrentadas por negros e pobres em obter oportunidades de estudo e ocupar cargos importantes. O segundo relata um período de tensão em Kigali, capital de Ruanda, em 1994, entre a maioria hutu e a minoria tutsi – duas etnias de um mesmo povo que ninguém sabia diferenciar uma da outra, a não ser pelos documentos. As turmas também trabalharam textos

baseados no currículo mínimo, com temas típicos do cotidiano: preconceito, discriminação e desigualdades sociais.

Segundo os educadores, o interesse em refletir acerca do tema deve-se à necessidade de trabalhar a desconstrução do racismo, do preconceito e da discriminação que ainda acontecem, devido ao fato de que essas ideias foram concebidas a partir de uma visão eurocêntrica. “O projeto foi alvo de grande aceitação e engajamento dos alunos, que, durante a culminância, se sentiram enormemente orgulhosos de seus trabalhos. Eles desenvolveram a consciência da valorização de uma parte muito



Durante a culminância do projeto, os alunos participaram de debates que provocaram a reflexão de temas como a lei de cotas para negros



significativa de nossa cultura, derrubando assim preconceitos e discriminações”, declara Oilas Siqueira, mediadora tecnológica da rede estadual. Para a professora Lourdes Correa, é fundamental que a escola discuta a temática negra na escola. “A inclusão de assuntos ligados à África e ao povo negro na educação formal é uma das estratégias para reconhecer a presença desse grupo na história do Brasil. Hoje, a lei brasileira obriga as escolas a ensinarem temas relativos à história dos povos africanos em seu currículo. Além disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) estabelecem que a diversidade cultural do país deve ser trabalhada no âmbito escolar. No nosso projeto, pensamos em destacar os negros brasileiros



na literatura, no esporte, nas artes, nos meios acadêmicos e científicos, enfim, nos mais variados segmentos. É uma questão de cidadania. Todo o trabalho foi voltado para levantar a questão do negro brasileiro, estimulando o aluno a refletir que devemos valorizar o ser humano, independentemente de sua cor”, declara.



De acordo com o professor Fábio José, o projeto possibilitou às turmas envolvidas trabalhar a construção de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de cada um. “A ideia foi incentivar uma atitude inclusiva e um olhar aprofundado sobre o valor da herança social e cultural que os povos africanos deixaram no dia a dia de todos os brasileiros”, completa.



Os estudantes estiveram engajados no projeto durante três meses, o que resultou na exposição de diversos trabalhos

Durante a culminância do projeto, os alunos também participaram de debates que provocaram a reflexão de temas como a lei de cotas para negros e as consequências de posturas preconceituosas adotadas pelas pessoas de forma não intencional.



Colégio Estadual Marechal Zenóbio da Costa
Rua João Rodrigues da Cunha, 195 – Olinda
– Nilópolis/RJ
CEP: 26510-056
Tels.: (21) 2791-1408 / 2693-3135
E-mail: cemzc@ig.com.br
Direção-geral: Anderson Roberto
Fotos: Comunicação



Grafite pelo fim da violência doméstica

Projeto promove debate sobre o tema nas escolas da rede estadual

A Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006) é reconhecida pela ONU como uma das três melhores legislações do mundo no enfrentamento à violência contra as mulheres. Segundo dados da Rede Nami, uma em cada quatro brasileiras sofre violência. As agressões são diversas: físicas, psicológicas, morais, sexuais, chegando até a casos de cárcere privado e tráfico de pessoas. Outro fato grave dessa realidade é a de que 70% dos casos de violência partem dos companheiros das vítimas, e que em mais da metade das denúncias há ameaça e risco de morte.

Pensando nisso, a campanha Instituto Avon e Rede Nami: *Grafite pelo Fim da Violência*, através da parceria com a See-duc, convidou jovens estudantes do Ensino Médio, com idade entre 14 e 19 anos, de 27 escolas do estado do Rio de Janeiro para participar de oficinas onde o grafite atuou como ferramenta para o debate e reflexão sobre temas como os direitos da mulher, a violência doméstica e a Lei Maria da Penha.

Desse modo, o projeto trabalha a prevenção, já que se destina a uma faixa etária anterior à das mulheres que sofrem violência doméstica, de forma que as moças não venham a



Estudantes do Ensino Médio participam de oficinas onde o grafite atuou como ferramenta para o debate e a reflexão sobre temas como os direitos da mulher, a violência doméstica e a Lei Maria da Penha



se tornar vítimas e os rapazes, agressores. A metodologia da Rede Nami pensa a questão proposta de maneira lúdica e dinâmica usando o debate e o grafite como ferramentas para dialogar com as participantes. O projeto foi lançado em novembro de 2013 com a primeira oficina no Ciep Nação Mangueirense, mas só este ano realizou atividades com mais de 1.000 alunos.

Com grupos de até trinta participantes e quatro horas de duração, a oficina é dividida em três momentos. Na primeira etapa é abordada a percepção da violência doméstica, sendo aplicado, durante o trabalho, um questionário para fomento de uma pesquisa a respeito de como os participantes encaram essa questão. Os resultados serão divulgados ao final do projeto. Na segunda etapa acontece um debate, com a exibição de um vídeo com uma situação de violência funcionando como pontapé inicial para as discussões. Com uma discussão positiva, o debate segue desconstruindo as desigualdades de gênero, trocando informações sobre a Lei Maria da Penha e repensando a posição da mulher em nossa cultura. A terceira e última etapa da oficina é a criação de um mural coletivo, que os participantes são convidados a construir após o debate, abordando a temática e as conclu-

sões alcançadas. A instituição ressalta a importância dessa atividade, pois ela permite que as participantes da oficina tornam-se multiplicadores da ideia”, explica.

A aluna do 2º ano do C. E. Ignácio Azevedo do Amaral, Júlia Lage, de 16 anos, explica que a oficina foi fundamental na unidade escolar. “No nosso colégio, as mulheres são maioria, mas nem todas têm noção de como agir nesses casos. Essa oficina serve para alertar”, comentou. Para a assessora da Diretoria de Integração Educacional da Seeduc, Sueli Ramos, o projeto vai além da luta contra a violência doméstica. “Essa é uma oportunidade de refletir sobre os direitos humanos como um todo, e a escola é o ambiente ideal para essa reflexão”, destacou.

Rede Nami

Panmela Castro é a fundadora da Rede Nami. Quando tinha 20 anos, se casou e sofreu violência doméstica. Através do grafite, retomou sua vida e hoje é uma artista de reconhecimento internacional, que viajou pelo mundo por conta do trabalho, criando murais em cidades como Berlim, Nova York, Washington DC, Paris, Praga, Viena, Jerusalém.



Com grupos de até trinta participantes e quatro horas de duração, o projeto Grafite pelo Fim da Violência foi oferecido em 27 escolas do estado do Rio de Janeiro



Tornou-se uma referência para outras meninas artistas do Brasil e viu que poderia usar esta sua influência para um propósito.

Com a ideia de que outras mulheres não vivenciassem esta sua experiência negativa com a violência, convidou suas amigas a realizarem oficinas onde o grafite é ferramenta de comunicação para a promoção da Lei Maria da Penha, do Disque 180 e do fim da violência doméstica. Com o tamanho sucesso destas ações, o grupo passou a se chamar Rede Nami, uma rede feminista que usa as artes urbanas para promover os direitos das mulheres especificamente pelo fim da violência doméstica. Hoje, participam da rede mais de 200 mulheres entre artistas, produtoras e ativistas. A Nami já realizou 47 oficinas em comunidades no Rio de Janeiro, como Borel, Rocinha, Complexo do Alemão e Maré, e em cidades como Brasília e até em outros países, como África do Sul e Estados Unidos.

Colaboração: Jéssica Almeida

Rede Nami
Rua Tavares Bastos, 283, casa B - Catete -
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22221-030
Tel.: (21) 2285-4299
Site: www.redenami.com
Fotos cedidas pela própria instituição



Educação a Distância para Professores?

A Educação a Distância é uma realidade cada vez mais presente para o universo dos professores, pedagogos e demais educadores, pela quantidade de vantagens que proporciona.

José Moran define a EAD como "O processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, em que professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente".

A Educação a Distância (EaD), enquanto modalidade de ensino-aprendizagem, é uma boa opção para diversos alunos que não têm, por exemplo, como se locomover ao local de aula ou não podem estudar em uma hora predeterminada. Apesar das críticas ao EaD quanto a ser um modismo ou uma forma que distancia o aluno do professor, quando realizado de forma profissional e adequada, possibilita ganhos enormes em termos de rapidez, eficácia, eficiência e gestão do conhecimento no processo ensino-aprendizagem. Ao lado destacamos algumas das vantagens da modalidade a distância:

- FLEXIBILIDADE
- AUTONOMIA E PARTICIPAÇÃO DO ALUNO
- RELAÇÃO ENTRE ENSINO E TRABALHO
- MENOR CUSTO
- METODOLOGIA INOVADORA
- APOIO DE CONTEÚDOS DIGITAIS DIVERSOS (LINKS, WIKIS, TEXTOS, HIPERTEXTOS, VÍDEOS...).
- CONTEÚDOS ORIENTADOS PARA APLICABILIDADE

Desta forma, a Educação a Distância se apresenta como uma alternativa que tem gerado condições de aperfeiçoamento para quem busca conhecimento e desenvolvimento.

E VOCÊ, JÁ EXPERIMENTOU?

* Texto de Moran, acessado em 4-08-2014: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist.pdf>

Consultora de EAD - Andréa Schoch

Responsável pelo Benefício Educação Continuada - Michele Adum

Cursos Oferecidos

- INGLÊS BÁSICO NA PRÁTICA
- PASSOS PARA POTENCIALIZAR A MEMÓRIA
- EXCEL - BÁSICO E INTERMEDIÁRIO
- POWERPOINT 2007 NA PRÁTICA
- COMO EVITAR O ESTRESSE E A DEPRESSÃO
- ATIVIDADE FÍSICA
- PORTUGUÊS APLICADO
- INTERPRETAÇÃO E SÍNTESES DE TEXTOS - VERSÃO LIBRAS
- COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL



EAD APPAI
educação continuada a distância

INSCRIÇÕES ABERTAS!

Suporte ao aluno

08007033180

atendimento@dtcom.com.br

(o aluno deve identificar-se como associado da Appai)



Mudando os hábitos

Projeto incentiva alunos a se alimentarem de forma mais saudável

A obesidade, doença crônica caracterizada pelo excesso de peso, atinge tanto adultos quanto crianças. De acordo com o Ministério da Saúde, uma em cada três crianças brasileiras sofre com a doença. A causa mais comum pode estar associada ao desequilíbrio entre o que a criança come e a energia que ela gasta. Pensando em reduzir esse e outros problemas ligados à alimentação, o Colégio Estadual São José, localizado em Cachoeiras de Macacu, município do Rio de Janeiro, criou o projeto *Alimentação saudável e qualidade de vida: seu corpo agradece*, cujo principal objetivo é incentivar os alunos a se alimentarem melhor.

Além disso, relacionar a longevidade saudável com a boa alimentação desde a infância e a adolescência e gerar reflexão sobre o aproveitamento de alimentos e seus nutrientes. “Querida, através dessa iniciativa, conscientizar os estudantes de que nossa saúde depende do que comemos. Orientá-los sobre a importância de uma alimentação saudável, principalmente no que tange à prevenção de possíveis danos à saúde. Que o aluno refletisse sobre saúde e alimentação, sendo capaz de buscar as informações necessárias de forma autônoma e responsável”, explica a idealizadora do projeto e professora de Ciências e Biologia, Maria Angélica.



Com objetivo de incentivar os alunos a se alimentarem melhor, o projeto contou com a participação das turmas dos ensinos Fundamental II e Médio



A docente explica que o projeto, criado a partir de políticas públicas da Secretaria de Estado de Educação, foi desenvolvido com os alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio e abordou as disciplinas de Ciências Biológicas, Educação Física, Língua Portuguesa, Artes, Matemática, História, Geografia e Inglês.

Em cada matéria foi elaborada uma atividade diferente. Em Língua Portuguesa, por exemplo, foi estudada a escrita dos alimentos ingeridos nas principais refeições e em seguida buscou-se discutir sobre suas propriedades, se contribuem ou não para uma alimentação saudável. Além disso, os estudantes elaboraram um livro de receitas saudáveis.

Já em Artes, eles criaram quadros com frutas, legumes e verduras, que foram mantidos em uma exposição permanente no refeitório

da escola. Organizaram também apresentações de teatro, poesias, musicais e desenhos, com intuito de serem apresentadas na culminância do projeto.

Os estudantes produziram também um mural sobre dicas de alimentação saudável retiradas de revistas, jornais e internet, e foi feito um trabalho de conscientização das famílias através de palestras, solicitando dos participantes receitas caseiras que contivessem nos ingredientes frutas, verduras e legumes.

A culminância contou com algumas receitas preparadas pelos alunos, exposições de fotos e a distribuição do livro confeccionado com receitas dos familiares dos estudantes, professores e funcionários da escola. Além disso, o pessoal do curso de radiojornalismo, multimídia e ambiente fez a cobertura do evento. A diretora Célia Macedo conta que os alunos do curso de rádio divulgaram o projeto na emissora local e no jornal do Município.

Segundo ela, já é possível notar mudanças nos hábitos alimentares dos alunos. "Eles diminuíram o uso frequente de refrigerantes e as receitas estão fazendo sucesso. Muitos as utilizam, gostam e comentam. Na escola, na merenda fazemos o uso das folhas de couve-flor em sopas, e o que não é possível aproveitar utilizamos na compostagem para enriquecer a terra para a horta da escola. Além disso, estamos realizando campanhas, sempre enfatizando a importância de hábitos alimentares saudáveis e o aproveitamento dos alimentos", explica.

Quem quiser pegar carona nas receitas do livro criado pelo colégio e só conferir abaixo algumas sugestões:

Colaboração: Jéssica Almeida

A culminância do projeto Alimentação saudável e qualidade de vida: seu corpo agradece teve algumas receitas preparadas pelos alunos



Colégio Estadual São José
Estrada Rio Friburgo, km 18, s/nº – São José da Boa Morte –
Cachoeiras de Macacu/RJ
CEP: 28680-000
Diretora: Célia Macedo
Professora responsável: Maria Angélica
Fotos cedidas pela escola

BOLO DE CASCA DE BANANA

- 4 cascas de banana limpas e picadinhas
- 2 xícaras de leite
- 2 colheres de margarina
- 2 gemas
- 2 xícaras de açúcar
- 2 claras em neve
- 2 ½ xícaras de chá de farinha de rosca
- 1 colher de sopa de fermento em pó

No liquidificador, bata as cascas, a gema, a margarina, o leite e o açúcar. Passe essa mistura para uma bacia, acrescente a farinha de rosca e mexa bem. Aos poucos e com delicadeza acrescente as claras em neve e o fermento. Coloque em uma assadeira untada e em forno pré-aquecido a 180°. Deixe assar por cerca de 40 minutos.

Dica nutricional: para as pessoas com intolerância à lactose, substitua o leite comum por leite de soja.

MOUSSE DE CASCA DE MANGA

- 3 xícaras de chá de cascas de manga picadas
- 1 xícara de chá de água para cozimento
- 1 xícara de chá de açúcar
- 3 gemas
- 2 xícaras de chá de leite
- 1 caixinha de creme de leite

Cozinhe as cascas com a água. No liquidificador, bata o cozido de cascas com a gema e o leite. Leve a mistura ao fogo e deixe cozinhar. Após o cozimento, retire do fogo e acrescente o creme de leite. Leve à geladeira.



Revista Appai Educar



Médico Ambulatorial Básico



Seguro de Vida em Grupo



Dança de Salão



Caminhadas e Corridas



Benefício Passeio Cultural



Jurídico



Seguro para Cobertura de Algumas Doenças Graves



Assistência Flex Domiciliar



Assistência Funeral



Educação Continuada



Odontológico Ambulatorial Básico



Serviço Social